

FUNDOFBPF

Código de referência: BR AN, Rio

Q.º ADM, FOR. CDI, POI. 45

24 PÁG.

MULHERIO

ANO II, Nº 5, JANEIRO/FEVEREIRO 1982

Cr\$ 100,00

***Neste número,
homenageamos
a graça,
o charme e
a beleza da
mulher
brasileira***



Fotos Nair Benedicto - Ag. F/4

Marli: uma poesia e um cumprimento

MARLI

Vi Marli e li: mar
Quantos mares de cor/agem
na força dessa negra?
Quantos mares, Palmares de luta
circulam na vontade
dessa moça?
Veja a semente
veja o sintoma
do novo
nos olhos negros de Marli
Leio a notícia
e sinto a esperança
segredo pássaro meu
cantar nos meus ombros tristes
Quem não se cala
nas amplas
salas do escárnio;
quem não se curva
nas turvas poças
do medo
- merece o nosso gesto
de irmão
e deve marcar,
como ferro em brasa,
a face dos espelhos
de nossa casa
Brava Marli,
Nós te dizemos: bravo!
e te sentimos como um cravo
florindo na lapela
da esperança

Carlos Machado, São Paulo, SP

•••

Gostaria de pedir aos responsáveis por este jornal para engrandecer o trabalho do cantor e compositor Ivan Lins pela música e letra feita em torno da luta de nossa companheira Marli Soares.
Marla José Soares da Silva, Rio de Janeiro, RJ.

Uma retificação às lamuricumas

Uma carta publicada no último número do **Mulherio** apresenta o grupo lamuricumá como subgrupo do Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro. Queremos esclarecer que o lamuricumá jamais integrou o Coletivo. Nunca tivemos, até agora, dentro do Coletivo, nenhum grupo de política lesbiana. Isso absolutamente não nos faz afastar tal hipótese. Este e qualquer grupo de política feminista poderá ser formado dentro do Coletivo, dependendo das necessidades e da vontade das mulheres que o propuserem, sendo certo que o contato será sempre o da nossa caixa postal e sua existência comunicada às demais. Os grupos (e não subgrupos), fechados ou abertos, que já fizeram ou fazem parte do Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro, sempre se utilizaram da Caixa Postal nº 33114 e,

mais recentemente, do telefone nº 274-0905, o Boletim Falado.
Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro (seguem 13 assinaturas)

Sexo se aprende fazendo

Li no artigo "Imitação da Liberdade", de Maria Rita Kehli, no último **Mulherio**, uma crítica muito severa e generalizada ao comportamento sexual atual da mulher. Discordo do artigo nos seguintes pontos:

- 1) Mesmo os sexólogos não consideraram a função sexual como uma função fisiológica qualquer. Para quem leu e entendeu, sexo é uma função psicofisiológica. O ser humano não pode ser estraçalhado em corpo e mente, porque é tudo isso.
- 2) Não creio que as mulheres queiram se libertar através da posse do falo. As mulheres não têm falo. Esta é mais uma das "falácias fálicas" e isto ficou

bem na boca de quem quis escrachar com o movimento feminista dizendo que as feministas são mulheres que querem ser homens.

3) O que mais me chocou no artigo é a afirmação de que as mulheres estão "fazendo sexo como fazem os homens". Acho que falta um pouco de "desconto" para o comportamento da mulher atual. Seria muita exigência nossa querer que um bebê nascesse andando e falando. É muita exigência não permitir à mulher construir valores sobre sua sexualidade. Como muitas coisas da vida, sexo se aprende fazendo. Nós nunca tivemos valores reais para nossos desejos e tesões. E se jogamos fora os valores antigos (a contraoposição puta x santa), por que temos de construir os novos correta e verdadeiramente em tão pouco tempo? Não podemos perder de vista a dimensão histórica. Não faz 50 anos que descobriram que biologicamente a mulher tem resposta sexual. E muitas pessoas ainda encaram a mulher como receptáculo sexual.

Elizabeth Meloni Vieira, médica-residente da Escola Paulista de Medicina, São Paulo, SP.

Assine Mulherio



Assine **Mulherio** e ganhe um exemplar de graça. O exemplar avulso custa Cr\$ 100,00, e a assinatura anual apenas Cr\$ 500,00 (para o exterior, o preço é Cr\$ 800,00). Para assinar, envie um cheque nominal em nome da Fundação Carlos Chagas ao seguinte endereço: Mulherio, av. prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, SP. Num papel anexo, relacione seu nome, endereço completo, profissão e telefone.

Você pode também aproveitar esta sensacional oferta: mande 10 pedidos de assinatura e ganhe de presente o 2º volume da **Bibliografia anotada sobre a mulher brasileira**, livro recém-editado pela Brasiliense e pela Fundação Carlos Chagas.

EXPEDIENTE

Conselho Editorial — Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosenberg, Heleleth Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehli, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Corrêa e Ruth Cardoso.
Redação — Adélia Borges e Fúlvia Rosenberg (editoras), Marlene Rodrigues (edição de artes), Rose Yamamoto (publicidade e vendas) e Miriam Tanus (secretária). Além das pessoas que assinam matérias, também colaboraram neste número: Cecília Simonetti, Cristina Bruschini, Inês Castilho, Janina Adamenas, Laís Tapajós, Miche-

line Lagnado, Maria Otília Bochini.
Jornalista Responsável — Adélia Borges. Registro no MTb nº 10.680. SJESP 4549.
Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. Pede-se permuta com outras publicações do gênero.
Redação: Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, fone 211-4511, ramal 247.

Composição Fotográfica e Impressão Tel. 246-7099 R. 2406, 25-SP

De Palmares às escolas de samba, tamos aí

Lélia Gonzalez



Foto Ag F/4

Final de ano e início de outro são ocasiões de comemoração de uma porção de coisas que mostram a contribuição que a gente tem dado pra história e pra cultura de nosso país. Por isso mesmo, acho bom lembrar certas datas importantes em que a negrada (especialmente o mulherio) está muito presente. Estamos cansados de saber que nem na escola, nem nos livros onde mandam a gente estudar, não se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro e do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles.

E o que é que fica? A impressão de que só os homens, os homens brancos, social e economicamente privilegiados, foram os únicos a construir esse país. A essa mentira tripla dá-se o nome de: sexismo, racismo e elitismo. E como ainda existe muita mulher que se sente inferiorizada diante do homem, muito negro diante do branco e muito pobre diante do rico a gente tem mais é que tentar mostrar que a coisa não é bem assim, né?

Para começar, tem o 20 de novembro, o Dia Nacional da Consciência Negra, em homenagem a um dos maiores heróis brasileiros: o negro Zumbi de Palmares, assassinado nesse mesmo dia, no ano de 1695, pelos representantes do escravismo. Seu "crime" foi ter liderado uma luta de vida ou morte por uma sociedade justa e igualitária, onde negros, índios, brancos e mestiços viviam do fruto de seu trabalho livre e eram respeitados em sua dignidade humana. Essa sociedade efetivamente democrática existiu em Palmares, que foi o primeiro Estado livre das Américas e um Estado criado por negros.

Durante cem anos, os palmarinos resistiram aos ataques das tropas enviadas pelas autoridades coloniais e pelos senhores de engenho escravistas, irritados e invejosos de sua prosperidade. As mulheres palmarinas também participaram nas lutas, ao lado de seus companheiros. E, quando Palmares foi finalmente destruído, elas preferiram matar os próprios filhos, suicidando-se em seguida, para que não sofressem a indignidade e a humilhação de serem escravos. Ao morrerem, tornaram-se vivas na nossa memória. (Por essa razão, temos hoje, no Rio de Janeiro, um grupo de mulheres negras cujo nome é Aqualtune, uma heróica palmarina, mãe de Ganga Zumba, o antecessor de Zumbi.)

De dia trabalha duro, de noite cai no samba.

Dezembro tem muito a ver com a mulher negra, enquanto perpetuadora dos valores culturais afro-brasileiros; aqui, as "mães" e as "tias" têm um papel fundamental. Quem é que pode esquecer toda a importância de uma Tia Ciata, quando chega o 2 de dezembro, Dia Nacional do Samba? Ela é o símbolo da alegria, do bom humor, do espírito descontraído da negra que trabalha duro, é objeto das maiores desigualdades, das maiores injustiças, dos maiores sofrimentos, mas não deixa de ir ao samba pra "sacudir o esqueleto" (mesmo que tenha que acordar cedo no dia seguinte, pra enfrentar a "cozinha da madame").

Historicamente, a casa de Tia Ciata foi um núcleo irradiador do que veio

a ser o samba carioca, os blocos e as escolas de samba. Isto sem contar a sua atuação enquanto Ylaxorixá.

Isso nos remete para duas outras datas importantes: 4 e 8 de dezembro. A primeira, dia de Santa Bárbara, na verdade é muito mais festejada como o dia de Iansan, a rainha dos raios, ventos e tempestades, a grande guerreira. A segunda, dia de Nossa Senhora da Conceição, também é o dia de Oxum, a grande mãe (protetora de todas as crianças, desde o nascimento até o momento em que andam e falam), a dona do ouro, símbolo da beleza e da feminilidade, senhora das águas doces. E, no Rio de Janeiro, 31 de dezembro é o dia em que cariocas e fluminenses se dirigem às praias pra levar suas flores pra outra grande mãe: Iemanjá, rainha do mar, doadora de bênçãos e de sorte, mãe de vários orixás.

Lembrar essas festas é não esquecer Ianossô, Mãe Aninha, Mãe Senhora, Mãe Menininha, Mãe Cantu, Mãe Estela, Mãe Bida e muitas outras que, com sua sabedoria e espírito ecumênico, nunca perguntaram qual a religião, a classe social, o partido político ou origem étnica daqueles que, desesperados, buscavam um alento, uma esperança para seguirem vivendo.

E sabemos o quanto os terreiros de candomblé, de umbanda, de batuque, de xangô, etc, etc, foram perseguidos pela polícia, a mando de autoridades políticas e religiosas. Isto sem falar nos blocos e escolas de samba. De qualquer modo, as "mães" e as "tias" souberam segurar a barra de seus filhos e sobrinhos, fazendo de seus ter-

reiros (religiosos ou de samba) verdadeiros centros de resistência cultural.

Ainda em dezembro, chegando até meados de janeiro, existem as festas populares do ciclo natalino, em que a negadinha participa, dando o tom de alegria pelo nascimento de Cristo (afinal, Natal não é sexta-feira da Paixão, né?). E toma de festa de largo, pastoris, folias de reis e outras "milongas mais". É por isso que dá pra entender por que o carnaval brasileiro assumiu o lugar de festa popular mais famosa do país. O tal do entrudo era um negócio meio sem graça, sem jogo de cintura, sem calor; só a partir do momento em que a negadinha começou a desfilar é que a coisa foi tomando colorido e acabou por se transformar na maior fonte da indústria turística deste país.

Os afoxês, cordões, blocos, escolas de samba, frevos, esses baratos todos, que antes eram chamados de "coisa de negros", e por isso mesmo reprimidos, hoje fazem parte de um "patrimônio cultural nacional" do qual, é claro, os beneficiários não são os "neguinhas", mas as secretarias e as empresas de turismo. E foi por aí que pintou o lance de criarem uma nova profissão pra mulher negra (a de mulata), como já vimos no número anterior. De qualquer modo, mulata pastista ou componente da ala das baianas, ela tá, mais firme que nunca, trabalhando como sempre, segurando as pontas de sua família como sempre, e, como sempre, muito cheia de axé. Por isso, só temos uma coisa a dizer pra ela: tamos aí.

Lélia Gonzalez é antropóloga e militante ativa dos movimentos negro e feminista no Rio.



Branca Moreira Alves visitou recentemente a Suécia por 10 dias, a convite do governo local, para conhecer a realidade da mulher naquele país. Conversou com representantes de movimentos feministas, de partidos políticos, de sindicatos e de órgãos governamentais. Aqui, ela conta o que viu: as conquistas são muitas, mas insuficientes. Branca é socióloga e advogada, trabalha no Escritório de Advocacia Feminista do Rio e participa do Grupo Ceres, que escreveu, recentemente, o livro Espelho de Vênus.

Apesar dos avanços inegáveis quanto à condição da mulher na Suécia — e que se devem principalmente à melhoria da qualidade de vida do povo sueco nos últimos 30 ou 40 anos —, ainda há um longo caminho a ser percorrido até a igualdade plena entre os sexos naquele país. As taxas de participação feminina no mercado de trabalho e na política são altas, mas as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e, no trabalho, são relegadas a funções mais desvalorizadas e pior remuneradas.

O governo, os partidos políticos e os sindicatos suecos estão realmente preocupados em "mostrar serviço" na busca da eliminação das desigualdades de sexo. Até que ponto esta política é eficaz, torna-se difícil saber numa curta visita. As estatísticas impressionam bem, mas os grupos feministas mostram-se bastante céticos.

Uma legislação avançada

A legislação sueca é uma das mais avançadas no que diz respeito ao incentivo ao trabalho da mulher. Mas ela não surgiu do nada. De um lado, existe toda uma história de lutas por parte da mulher, em organizações específicas, nos partidos e nos sindicatos. De outro lado, havia a necessidade de se aproveitar a mão-de-obra feminina numa economia carente de força de trabalho para sua expansão — fenômeno que hoje, aliás, está revertido, tendo em vista a atual crise econômica.

As mudanças mais importantes ocorreram a partir da década de 70. Já em 1972 o governo instituiu a Delegação para a Igualdade entre o Homem e

a Mulher, substituída, em 1976, pelo Comitê Parlamentar para a Igualdade, que ainda existe. Ele tem o objetivo de realizar pesquisas e propor medidas no sentido de superar os obstáculos à entrada da mulher no mercado de trabalho. As três maiores federações de sindicatos (de empregadores, de empregados na indústria e de empregados no comércio) também têm departamentos com o mesmo objetivo. Esses órgãos trabalham tanto isoladamente, em suas áreas de atuação próprias, quanto conjuntamente, quando há necessidade de serem debatidas modificações a nível nacional.

Cercando a discriminação

A luta contra a discriminação à mulher no trabalho ganhou novo impulso em julho de 1980, quando entrou em vigor a nova Lei da Igualdade, cujo objetivo é "promover a igualdade entre homens e mulheres no que diz respeito ao emprego, condições de trabalho e oportunidades de aprimoramento".

De acordo com o texto legal, a discriminação ocorre "quando o empregador, na admissão, promoção ou treinamento para promoção, opta por uma pessoa em preferência a outra do sexo oposto, embora esta seja objetivamente melhor qualificada". Se for constatada a discriminação, o caso é levado à Justiça e o empregador deve pagar multa e uma indenização à pessoa lesada.

A segunda parte da lei estabelece medidas concretas, das quais a mais importante é a criação de um Ombudsman da Igualdade. O Ombudsman é uma autoridade pública que tem como função fiscalizar a implementação e o respeito à lei por parte do governo e dos cidadãos em geral (1).

Um caso recente ilustra a atuação do Ombudsman: uma mulher apresentou-se para um emprego na companhia telefônica, munida da devida qualificação. O empregador recusou-se a admiti-la, alegando que seria trabalho externo, com turnos compostos apenas por homens, e que a presença de uma mulher causaria problemas. Inconformada, ela procurou seu sindicato — que não aceitou sua causa — e em seguida a Ombudsman. Esta interveio junto ao patrão, que terminou voltando atrás antes de o caso ser levado à Justiça. A imprensa deu ampla cobertura ao episódio e, em entre-

Branca Moreira Alves



AINDA LONGE DA IGUALDADE

vista posterior, seus colegas da turma de concertos afirmaram não ter qualquer problema com a nova função.

Em funções desvalorizadas

Segundo dados do Comitê da Igualdade entre Homens e Mulheres, a força de trabalho feminina na Suécia compreende 70 por cento das mulheres entre 16 e 65 anos de idade (o que significa 43% da força de trabalho total), em comparação com 55 por cento em 1967.

Cerca de 45 por cento das trabalhadoras empregam-se em regime de tempo parcial, por não terem como atender de outra forma às tarefas domésticas. Isso desvaloriza o trabalho da mulher e dificulta sua possibilidade de alcançar autonomia financeira.

Embora seja muito grande o percentual de mulheres empregadas, a escolha da profissão é extremamente tradicional: entre cerca de 300 opções, 80 por cento da mão-de-obra feminina concentra-se em 25 profissões. São as tarefas consideradas tipicamente femininas — de servir, cuidar, atender, como os serviços em geral, enfermagem, trabalho em escritório e no comércio e magistério.

O trabalho feminino é desvalorizado e a mulher discriminada, como acontece em toda parte. A diferença salarial entre homens e mulheres tem diminuído, mas ainda existe: de 80 por cento em 1970 para 89 por cento em 1979.

Os cargos melhor remunerados são masculinos: de 2.800 cargos de executivos existentes em 1974, apenas 15 eram ocupados por mulheres. O desemprego afeta em primeiro lugar a mulher. Há duas vezes mais moças desempregadas do que rapazes no atual momento de crise econômica, e a contenção dos gastos públicos diminui a oferta de empregos numa área essencialmente dominada por mulheres, como é a do funcionalismo. Assim, o quadro no mercado de trabalho não difere fundamentalmente do de outros países, do ponto de vista qualitativo.

Ainda a dupla jornada

A dupla jornada de trabalho é um dos maiores obstáculos à igualdade. A mulher sueca é ainda a principal responsável pelas tarefas domésticas, tendo no homem, quando muito, um colaborador esporádico. Todas as pesquisas apontam para a sobrecarga de trabalho que isto significa.

"Não queremos ser supermulheres", disse-me uma assessora do Comitê de Igualdade. "Não queremos

ter de competir no mundo masculino em pé de igualdade com os homens e ainda ter de resolver os problemas dos filhos e da casa."

Mas a ideologia que justifica a divisão de papéis permanece quase intacta, ao menos na geração adulta. A lei que permite aos homens tirar seis meses de licença do trabalho quando nasce um filho é praticamente inútil. Uma das entrevistadas informou-me que apenas 7 por cento dos pais tiram mais de um dia de licença.

Segundo ela, os patrões recebem mal a idéia, e isto pode interferir negativamente na carreira do empregado. Recentemente, o ministro das Comunicações tirou um mês de licença, o que provocou enorme polêmica na imprensa; alguns consideravam positivo o seu exemplo, enquanto outros opinavam que sua posição o impedia de se dar a tais "luxos".

A participação política da sueca é bastante significativa, quando comparada com a de outros países. Em 1971 havia 14 por cento de mulheres no Parlamento; em 1974, 21 por cento; em 1977, 23 por cento; e atualmente 30 por cento, o que equivale a 90 mulheres membros do Riksdagen. No Brasil, em 1970 e 1974 tínhamos apenas uma deputada, e atualmente há quatro, ou seja, menos de um por cento da representação na Câmara; e somente duas senadoras. (2)

Os partidos políticos têm departamentos femininos ou organizações de mulheres, que buscam incentivar a participação feminina na vida social, política e econômica. Esses órgãos reivindicam, entre outros pontos, construção de creches, igualdade salarial, aumento do número de empregos, criação de cursos de profissionalização e aprimoramento para mulheres, e diminuição da jornada de trabalho para seis horas diárias para todos os trabalhadores.

As atividades das feministas

O movimento feminista na Suécia cresceu principalmente a partir da década de 70. Hoje, há diversos grupos organizados em torno de objetivos diversos, além de publicações, revistas, jornais e uma livraria em Estocolmo. A livraria é pequena, mas o ambiente ali é acolhedor, com sofás e poltronas para a conversa entre mulheres e para a rodada de chá — sempre pronto num fogareiro elétrico.

Em Estocolmo existem duas Casas da Mulher. Uma delas é organizada bem no estilo do movimento feminista internacional: diferentes grupos parti-

cipam e dividem as despesas. Entre os grupos, estão os de Mulheres Suecas de Esquerda, de Mulheres Lésbicas, 8 de Março, Casa da Mulher, de Música, de Defesa Pessoal, de SOS, de Programação de Rádio, do Aborto Livre, de Cinema, e Reflexão, de Teatro e de Psicologia.

A casa foi remodelada pelas próprias mulheres, e é um local alegre e vivo, cheio de posters, faixas, cartazes de manifestações e fotos de encontros. Nos quartos as mulheres se espalham para reuniões pequenas, ou mesmo se hospedam. Num salão grande, há espaço para tudo, e no jirau funciona uma pequena biblioteca, com almofadas espalhadas pelo chão. Na cozinha grande, aderi a uma rodada de chá — uma das curtidas do nosso movimento. A integração é rápida, apesar da diferença de culturas, pela linguagem partilhada de uma mesma luta.

O SOS sueco

A outra Casa da Mulher abriga mulheres espancadas, com seus filhos, e é procurada em sua maioria por estrangeiras, especialmente de origem árabe ou hindu. Elas pagam uma taxa para cobrir despesas gerais e custeiam suas próprias despesas.

As instalações da Casa são excelentes: quatro apartamentos de quarto, sala, cozinha e banheiro; um auditório; salão de reuniões; escritório para a redação da revista Anne, publicada pelo grupo; um escritório para o serviço de SOS telefônico; salas para laboratório de cerâmica e fotografia; sauna e piscina interna.

O grupo consiste de cerca de 150 voluntárias (e ainda há uma lista de espera...). Um colegiado coordena a manutenção da Casa, eleito anualmente e composto por 24 mulheres que se dividem pelas diferentes tarefas.

O atendimento telefônico a mulheres vítimas de violência começou em 1979, com plantão de uma noite por semana (atualmente, funciona cinco noites por semana). Recentemente, o grupo conseguiu financiamento da municipalidade, que pagou a reforma do prédio e paga o aluguel e o aquecimento.

(1) O Ombudsman é uma instituição criada em 1809, inicialmente para fiscalizar juizes e funcionários públicos civis e militares. Atualmente, sua esfera de ação se ampliou, e há quatro Ombudsmen: o Ombudsman Anti-Trust, o do Consumidor, o da Imprensa e, agora, o da Igualdade. São apontados pelo governo para um mandato de quatro anos e controlados pelo Congresso. Podem inspecionar qualquer órgão governamental ou particular de sua área de atuação, promover pesquisas e levantamentos, receber queixas da população e agir através da Justiça sempre que necessário.

(2) A Suécia tem só uma Casa, desde a reforma legislativa de 1974.



Eliane Grammont

ASSASSINATOS



nao vai cantar hoje. Ela está morta

Com a distribuição de milhares de folhetos com esse título e essa foto, e com muito barulho pela imprensa, as feministas de Goiânia obrigaram Lindomar Castilho a ir cantar em outra freguesia. Lindomar, que assassinou sua ex-mulher Eliane de Grammont em abril do ano passado, ia-se apresentar em novembro num show num grande estádio da cidade, o Ginásio Rio Vermelho. Mas resolveu cancelar a apresentação ao saber que a maioria das mulheres que compareceram ao ginásio estavam dispostas a valá-lo e até apedrejá-lo caso subisse no palco.

O episódio é significativo. Nos últimos meses do ano passado, novos ventos parecem ter soprado na luta contra a violência sofrida pelas mulheres. Os grupos feministas ampliaram seu espaço na condenação à tese de que "honra" de um homem pode ser lavada com sangue, e os julgamentos de homens assassinos de suas mulheres começaram a tomar um rumo diferente.

O caso que mais mobilizou a opinião pública foi, sem dúvida, o segundo julgamento de Doca Street, agora condenado a 15 anos de prisão (ver na página ao lado uma análise de Heleno Fragoso, advogado da família de Angela Diniz, sobre a sentença condenatória). No Rio, vários grupos feministas se uniram para formar o Núcleo de Mobilização Angela Diniz, que fez abaixo-assinados denunciando a impunidade do crime, uma manifestação pública na véspera do julgamento, na Cinelândia, e uma vigília em Cabo Frio, onde encontrou grande solidariedade da população.

Tanta agitação conseguiu provocar uma mudança na forma de tratamento dado pela grande imprensa aos

grupos feministas. Da omissão ou do deboche, vários jornais e canais de televisão passaram ao respeito e à seriedade ao falar do feminismo.

Depois de Doca foi a vez do julgamento do comendador Valdir Roma, de Goiânia, que em dezembro de 1980 matara com oito facadas sua companheira Maria Helena Calado, mãe de dois filhos seus. As feministas da cidade também se uniram e, apesar das ameaças de desconhecidos, fizeram manifestos, atos públicos e abaixo-assinados. A mobilização assistiu o advogado de defesa de Roma, Moisés Santana Neto, que no julgamento parecia mais preocupado em acusar o movimento feminista do que em defender seu cliente.

Sua argumentação foi inútil: a 13 de novembro, mesmo dia do show frustrado de Lindomar, Valdir Roma foi condenado a 16 anos de prisão. E o trabalho das feministas ganhou até o apoio formal dos vereadores peemedebistas de Goiânia. Um deles, Idelfonso Avelar, apresentou requerimento su-

gerindo a criação de um trabalho integrado entre os distritos policiais e a Secretaria de Serviços Sociais para apoiar judicialmente "as mulheres humildes contra a opressão em seus lares".

A situação parece estar começando a mudar também na tradicional Minas Gerais — justamente onde a tese da legítima defesa da honra ganhou fôlego há sete anos, com a absolvição do empresário Roberto Lobato, assassino de sua mulher Jô Lobato. Ainda em novembro, o comerciante José Maia Vicente foi condenado a quatro anos de cadeia pelo assassinato de sua esposa Zuleika Nastassiy Maia e de José Divino de Andrade, que a acompanhava na hora do homicídio, em janeiro de 1981.

Este ano, pelo menos três julgamentos prometem ser bastante rumorosos: Lindomar Castilho, em São Paulo, e Eduardo de Souza Rocha e Márcio Stancioli, em Belo Horizonte, resta torcer — e trabalhar — para que honra não se lave mais com sangue.

A CONDENAÇÃO DE "DOCA"

Heleno C. Fragoso

A condenação de Doca Street pelo júri de Cabo Frio constitui acontecimento notável. A sentença proferida, por apertada maioria, no primeiro julgamento, que representou virtualmente a absolvição do acusado, foi escandalosa e juridicamente aberrante. Entendeu o júri que o réu atuara em legítima defesa da própria honra ou da

masculinidade ferida por uma suposta promessa de comportamento sexual irregular futuro que Angela Diniz lhe teria feito. Disto não havia prova alguma. Legítima defesa é defesa, ou seja, reação defensiva ante agressão atual ou iminente, repelida com o emprego moderado dos meios necessários. Na hipótese faltavam todos os elementos de uma legítima defesa, a começar pela inexistência de qualquer direito agredido.

Percebendo a fragilidade de sua

tese, a defesa desta vez preferiu não falar em honra, mas em defesa de um direito próprio do réu, um direito inominado e abstrato, que não se sabe, porque não se explicou, exatamente em que consistiria. Com esse expediente inútil a defesa, na realidade, reapresentava ao júri, com um discurso anacrônico, a mesma tese ridícula do primeiro julgamento.

Doca matou Ângela, desprevenida e indefesa, com a precisão de um caçador. E matou-a porque para ele era intolerável que ela decidisse, contra sua vontade, o fim da relação amorosa. Ele era o macho, e o macho é quem decide, controla e domina a relação amorosa. O gesto assassino é pura expressão de machismo, ou seja, de uma determinada concepção ideológica da função masculina na estrutura social: a função de dominação e comando da mulher, inteiramente submetida. A alegação de que a honra masculina está no sexo da mulher também é machista. É pueril imaginar que o comportamento de Ângela, fosse ele qual fosse, poderia representar ofensa à honra ou à "masculinidade" de Doca. O que está por trás desse raciocínio é o sentimento de posse e propriedade da mulher pelo homem.

Os meios de comunicação exerceram importante influência, pois unanimemente criticaram e condenaram o primeiro julgamento. Os diversos movimentos feministas também trouxeram a sua contribuição procurando

esclarecer e interpretar o significado do crime.

Nossa esperança é a de que esta condenação justa possa prevenir aos homens que praticam violências contra suas mulheres o que lhes pode suceder se as matarem. A vitimologia veio mostrar que a mulher e a compranheira são as vítimas de eleição para a violência masculina. Quando as mulheres são mortas, isto ocorre predominantemente pelo ataque de pessoas íntimas, ao contrário do que ocorre com os homens. Quando os homens são mortos, o autor em geral é pessoa estranha à família.

A violência sobre a mulher existiu por séculos como forma aceitável de comportamento no sistema da família patriarcal, cuja ideologia em boa parte continua a perdurar em nossa cultura, em nossos costumes e instituições sociais. No direito costumeiro inglês, a mulher casada perdia todos os seus direitos civis e o direito do marido de castigar corporalmente a mulher era parte de suas responsabilidades. Até 100 anos atrás era legal nos Estados Unidos e na Inglaterra o castigo aplicado pelo marido à mulher.

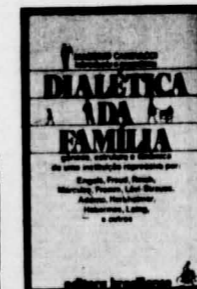
Pesquisadores importantes observaram que o que mais freqüentemente resultou no emprego de violência por parte do homem contra a mulher foi a real ou suposta constatação da posse, autoridade ou controle. São inúmeros os casos de violência contra a mulher ou companheira por ciúme, geralmen-

te infundado, e porque a mulher ameaça terminar a relação. O emprego da violência aparece como fator importante para manter a dominação do homem sobre a família, quando tal dominação é ameaçada. A polícia e os tribunais em geral não tomam conhecimento das queixas apresentadas pelas mulheres contra seus homens.

A condenação de Doca Street foi um fato importante, embora continue ele a passear a sua impunidade. Não cremos, todavia, que essa condenação possa ter efeito significativo sobre os assassinatos de mulheres cometidos por seus maridos ou companheiros. Uma mudança substancial dessa situação depende de uma mudança da posição da mulher na sociedade, com a igualdade entre os sexos, e depende também de alteração no sistema de violência sobre o qual repousa grande parte da sociedade.



A Presença da Mulher



Dialética da Família - gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva - Cr\$ 750,00

Volume I - Cr\$ 850,00
Volume II - Cr\$ 1.200,00

Dialética do Indivíduo - o indivíduo na natureza, história e cultura - Cr\$ 850,00
Org.: Massimo Canevacci

Mulher Brasileira: Bibliografia Anotada
Fundação Carlos Chagas

O Que é Família
Danda Prado/
Mariza Figueiredo



Cr\$ 190,00

O Que é Feminismo
Branca Moreira Alves/
Jacqueline Pitanguy



General Jardim, 160
01223 - São Paulo



BRASÍLIA

O novo Código, já no Congresso

Com um suspiro de alívio, um grupo de feministas deixou Brasília em dezembro último. Afinal, o passo mais importante para a concretização de um novo Estatuto Civil da Mulher fora dado: a entrega oficial do esboço do Estatuto ao presidente do Congresso Nacional, senador Jarbas Passarinho, e a todos os líderes de todos os partidos políticos, para encaminhamento e discussão de suas propostas.

A advogada Sílvia Pimentel que, com a colaboração de sua colega Flórisa Verucci, elaborou o esboço, explicou a importância da ida do grupo à Brasília, já que um projeto do novo Código Civil está tramitando há anos no Congresso e deverá ser aprovado no primeiro semestre deste ano. Esse projeto está a cargo de uma comissão sob a orientação de Miguel Reale e, embora caminhe no sentido de uma maior igualdade entre homens e mulheres, "não atinge o nível de igualdade que nós desejamos".

É justamente por isso tão importante que o esboço de um novo Estatuto Civil da Mulher já esteja nas mãos do Legislativo: para que suas propos-

tas sejam integradas ao projeto que será discutido e aprovado ainda este ano. Um ponto a ser lembrado é que esse esboço não foi elaborado em gabinete fechado, mas veio de discussões e sugestões propostas por vários setores da população e, fundamentalmente, por grupos de mulheres, pois são as que mais sofrem as restrições impostas pelo atual Código Civil.

Sílvia Pimentel explicou também que, com essa ida ao Congresso Nacional, o grupo conseguiu que o esboço para um novo Estatuto tenha dois encaminhamentos. O primeiro, através do presidente do Congresso, que deverá apresentá-lo à comissão que estuda o projeto de modificação do atual Código Civil para que incorpore essas novas propostas e, o segundo, a entrega para os líderes de todos os partidos. A proposta do grupo é que os partidos assumam conjuntamente o esboço, em forma de projeto, e o apresente para aprovação.

A entrega foi feita propositadamente a todos os líderes partidários, "pois dessa forma valorizamos a autonomia do movimento de mulheres e

sua contribuição na área jurídica, e para que não sejamos acusados de atrelamento a um ou outro partido, ou a algum parlamentar em particular".

No momento, o que resta é esperar a reabertura dos trabalhos legislativos em março, quando se saberá se a comissão realmente incorporou as sugestões ou se, por outro lado, os partidos as apresentarão em forma de projeto para modificação de Código Civil. Em qualquer caso, diz Sílvia, "continuaremos nossa articulação, pois a nível nacional devemos exercer de todas as formas uma pressão significativa para efetivar tais mudanças que beneficiarão juridicamente a todos e, particularmente, a mulher como membro ativo da sociedade".

CLASSIFICADOS

Crie, Escola de Educação Infantil de 1º Grau — Rua Bélgica, 399 - Jardim Europa - Fone: 253-0642. Matrículas abertas. "É preciso ser criança até dizer chega".

Última Travessa Bar — Alameda Lorena, 2112, São Paulo. Terça: noite da canja, para músicos iniciando carreira; quarta: jazz; quinta, sexta, sábado e domingo — Música Popular Brasileira, Show ao vivo. Segunda-feira: Fechado.

COMPRI!

Você encontra **Mulherio** à venda nas seguintes livrarias:

São Paulo
Zapata — R. Cesário Mota Jr. 285
Brasiliense — R. Barão de Itapetininga, 93

Vozes — R. Haddock Lobo, 360
Kairós — Av. Paulista, 2650
Seridó — Av. Ipiranga, 200

Manduri — R. da Consolação, 265
Paternion — Av. Paulista,
Mãe Terra — R. da Consolação, 2961
Duas Cidades — R. Bento Freitas, 158

Capitu — R. Pinheiros, 339
Metodista — Faculdade Metodista de Rudge Ramos

Herux — R. Pinheiros, 541
Rio de Janeiro
Dazibao — R. Visconde de Pirajá, 595

Belo Horizonte
Vega — R. Guajararas, 178
Status — Av. Cristóvão Colombo, 280

Porto Alegre
Palmarinca — R. General Vitorino, 14

Recife
Livro 7 — R. 7 de Setembro, 329
João Pessoa
Livro 7 — R. Visconde de Pelotas, S/N

Manaus
Maira — R. 24 de Maio, 106
Imperatriz (MA)

Entreliuros-
Praça de Fátima, S/N

Helena Salem

RIO

E a federação não saiu

Tudo foi montado, preparado e organizado para, ao final do II Congresso da Mulher Fluminense, realizado em novembro passado, ser criada a Federação de Mulheres do Rio de Janeiro. Mas, apesar de todos os artifícios utilizados, o plenário, por larga maioria, rejeitou a proposta.

Embora sendo um congresso da mulher, o encontro não foi convocado por nenhum movimento de mulheres, e sim apenas por partidos (PMDB, PP, PDT), entidades sindicais, associações profissionais e de moradores. No entanto, diferentemente do que ocorreu em São Paulo (quando da convocação de um congresso semelhante), no Rio as organizações feministas resolveram convocar suas integrantes a participar individualmente do Congresso, a fim de lutar por suas posições. O mesmo decidiu a comissão de mulheres do Partido dos Trabalhadores.

Desde o início, o debate sobre a federação era apresentado como o ponto mais importante do encontro. O objetivo era claro: tirar a federação com vistas à formação da confederação nacional este ano. Na sessão plenária — sob uma imensa bandeira vermelha do jornal *Hora do Povo*, que permaneceu todo o tempo pendurada no alto da mesa —, três propostas foram apresentadas.

A primeira, identificada com o *Hora do Povo*, propunha a imediata cria-

ção da federação. A segunda, do jornal *Tribuna da Luta Operária*, era contrária à criação da federação já por entender que o movimento ainda não estava amadurecido e organizado para tanto. Mas defendia a formação de uma comissão pró-federação, com vistas a preparar sua criação no futuro. Havia, finalmente, a proposta das feministas e da comissão de mulheres do PT, contrária a qualquer federação, agora ou no futuro.

Na hora da votação, as feministas, em menor número, resolveram retirar sua proposta em favor da *Tribuna da Luta Operária*, considerando que o fundamental era impedir a formação da federação. Foi feita a consulta e, embora fosse evidente a derrota da proposta da *Hora do Povo*, a mesa — da qual não fazia parte nenhuma feminista — não se deu por satisfeita: fez uma segunda votação trocando o número das propostas, numa nítida manobra para estabelecer a confusão entre as mulheres. Depois, queria contar os votos através da entrega dos crachás, até que finalmente algumas participantes propuseram que o plenário se dividisse geograficamente, com as favoráveis à federação de um lado e as contrárias de outro. Os homens foram convidados a se retirar e, por fim, depois de alguns minutos, a mesa anunciou a contragosto a derrota da proposta de criação imediata da federação.

TRIBUNAL

A discriminação no banco dos réus

O mais famoso dos tribunais contemporâneos é, sem dúvida, o Bertrand Russell, seja pelas implicações políticas que tem, seja pelos grandes nomes que o prestigiam. Por que não pensar numa coisa semelhante no caso da discriminação da mulher? Por que não julgar as injustiças que são cometidas contra nós todos os dias em casa, no trabalho, na rua? Pois essa idéia, inédita no Brasil, está começando a tomar corpo e vai ser lançada publicamente no início de março, quando se instalará em São Paulo o Tribunal Bertha Lutz. Seu objetivo: acolher denúncias, depoimentos, casos, em que a discriminação contra a mulher se confirme. Beth Vargas, militante feminista e uma das organizadoras do Tribunal, explica a idéia:

— O funcionamento será o de um tribunal mesmo. Só que os "réus" serão as formas de discriminação que a mulher enfrenta no seu dia a dia. Em caráter permanente, vamos coletar dados, denúncias, depoimentos sobre essas injustiças. Pronto o material, em forma de relatórios, ele será entregue a um corpo de jurados. Então, haverá uma sessão pública para a discussão. A primeira será sobre a discriminação da mulher no trabalho. Posteriormente, pretendemos tratar de outros temas como a maternidade, a contracepção, o aborto, a violência, a sexualidade, etc. Acho interessante ressaltar que o primeiro assunto escolhido — a discriminação da mulher no trabalho — não se restringirá aos problemas enfrentados pela mulher operária na fábrica. Pretendemos que ele seja ampliado a todas as categorias profissionais, ou a maioria delas pelo menos. Sabemos muito pouco, por exemplo, como são as injustiças cometidas contra a mulher do campo pelo fato de ser mulher. As profissionais liberais também têm muito o que contar.

— E como está sendo organizado o Tribunal?

— Existe uma comissão organizadora, composta por mulheres de diversos grupos feministas e de feministas que não estão filiadas a grupos. Aliás, é bom deixar claro que a iniciativa não parte de um ou outro grupo, não está sendo feita em nome de nenhuma entidade, de nenhum partido político, e pode participar quem quiser, quem tiver alguma coisa para levar ao Tribunal. Além dessa comissão organizadora, já estão funcionando comissões de trabalho, até agora sete: trabalho fabril; trabalho na agricultura; legislação e CLT; formação profissional; trabalho doméstico; trabalho no setor terciário e medicina do trabalho. Existem também grupos de apoio, alguns

em formação como os de Santo André, Santos, da PUC de São Paulo, que estão divulgando a idéia, auxiliando as comissões, etc. São uma espécie de postos do Tribunal em outras cidades ou em locais de trabalho. Desses grupos, tanto os de trabalho como os de apoio, participa quem quiser. Aliás, quem estiver interessado, é só começar que há muito o que fazer até março.

— Como surgiu a idéia?
— Acho que ela surgiu do impasse que o movimento feminista vive hoje no Brasil, do fato de estar ainda encer-



Foto Arquivo — CIM

Quem foi Bertha Lutz

Muitas pessoas certamente nunca ouviram falar de seu nome ou de sua atuação, mas ela foi, sem dúvida, a pioneira na luta organizada pela emancipação da mulher brasileira. Seu nome: Bertha Lutz, nascida no final do século passado (1894), que em 1918 — quando retornou ao Brasil de seus estudos na Europa, onde entrara em contato com idéias feministas — passou a atuar e divulgar na imprensa e na tribuna a luta da mulher por seus direitos.

Por sua iniciativa foram fundadas no Brasil as primeiras entidades feministas: a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher (1919), a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (1922), a Aliança Brasileira pelo Sufrágio Feminino (1922) e a União Universitária Feminina (1929).

Graças a esse trabalho pioneiro, a questão feminina passou a ser realmente discutida no país, e algumas reivindicações fundamentais tornaram-se vitoriosas: o direito de voto às mulheres, conquistado em 1932 e defi-

nitivamente incorporado à legislação em 1934, e a entrada de alunos do sexo feminino no ensino secundário oficial, em 1922.

A vida de Bertha Lutz esteve sempre ligada à luta da mulher, e mesmo a nível pessoal suas brigas e vitórias são dignas de serem lembradas: foi a segunda mulher a ingressar no serviço público, disputando uma vaga com 10 homens; em 1922 foi eleita vice-presidente da Associação Pan-Americana de Mulheres; em 1936 ocupou uma cadeira na Câmara Legislativa Federal, atuando como ferrenha defensora dos direitos da mulher; em 1956 foi eleita "Mulher das Américas", sempre participando de encontros internacionais feministas, e em 1972, já idosa, foi ao México participar de um seminário sobre os problemas da mulher indígena, realizado por sua iniciativa.

Bertha Lutz morreu sozinha e esquecida num asilo, em 1976, com 82 anos de idade, de pneumonia aguda.

Quem estiver interessada em participar desde já da preparação do Tribunal, pode procurar a comissão organizadora no seguinte endereço: R. Cardenal Acoverde, 2109, Pinheiros, São Paulo, fone: 814.5753, de segunda a quinta-feira, das 16 às 18 horas. Ou escrever (o CEP é 05407).

Desde algum tempo, as pesquisadoras latino-americanas interessadas na questão da mulher têm sentido necessidade de criação de mecanismos de estreitamento do intercâmbio, para a troca de experiência sobre o trabalho que realizam e para o estímulo ao desenvolvimento dessa área de estudos.

Propostas concretas de criação de uma associação latino-americana já foram apresentadas em 1978, na Reunião sobre Força de Trabalho, realizada por iniciativa de Neuma Aguiar, do Iuperj, do Rio, e em 1980 no Fórum Internacional da Década da Mulher, em Copenhague, Dinamarca.

Também já se cogitou da criação de uma associação brasileira durante um seminário sobre os projetos de pesquisa financiados pela Fundação Carlos Chagas, em agosto de 1980, em que estavam presentes pesquisadoras do Rio, São Paulo, Ceará, Minas e Pernambuco.

Essa discussão foi ampliada durante a realização do IV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais no Rio de Janeiro, em outubro de 1980, quando foi debatida a organização de uma associação nacional. Alguns Estados (Rio de Janeiro e Bahia) optaram por desenvolver primeiro suas associações estaduais, por não sentirem que já existiam condições para criar uma nacional.

As propostas para a criação de associações mais amplas não foram levadas adiante pela falta de recursos materiais para implementá-las, pela pouca disponibilidade de tempo de pesquisadoras mais representativas e, talvez principalmente, pelas dificuldades de se construir uma entidade verdadeiramente democrática. Muitas pesquisadoras, embora sentindo agudamente a necessidade de uma associação dessa natureza, acreditam que não interessa criar apenas mais uma entidade acadêmica, semelhante às demais.

Só valeria a pena criar algo inovador em todos os aspectos: ampliando o conhecimento da condição feminina, tornando-o mais acessível, revendo as formas de sua transmissão, dentro ou fora de instituições acadêmicas. Em outras palavras, trata-se de criar algo que favoreça o desenvolvimento de estudos não somente sobre a mulher, mas principalmente a favor da mulher. E, mais do que isto, que seja uma entidade que reconheça e respeite as desigualdades existentes entre países, regiões e estudos individuais, e esteja aberta à plena participação de todas as pessoas interessadas.

A reunião no Rio

Na reunião patrocinada pela Unesco, realizada em novembro pelo Núcleo de Estudos da Mulher (NEM), da PUC-RJ, essas preocupações voltaram à tona. Participaram do encontro pesquisadoras de onze países (Argentina, México, Peru, Uruguai, Costa Rica, Chile, República Dominicana, Colômbia, Venezuela, Paraguai e Brasil).

Não somente estavam ausentes vários países, como não estavam representadas as diversidades existentes nas nações onde já há um grupo amplo de interessados na questão. Argumentou-se porém sobre a urgência da criação de uma associação, especialmente para os países que, sob regimes autoritários ou contando com extrema escassez de recursos, só agora

Juntando esforços na América Latina



Em reunião patrocinada pela Unesco, realizada no Rio em novembro último, foi criada uma associação latino-americana de estudos sobre a mulher.

iniciam o desenvolvimento de estudos sobre a mulher.

Argumentou-se também sobre o impasse que se cria com a espera da representatividade inicial, e sobre a possibilidade de se conseguir uma associação mais democrática se o grupo reduzido ali presente adotasse medidas de caráter apenas provisório.

Com essas considerações em mente foi criada a associação, com uma comissão coordenadora ampla da qual participam todas as que estavam presentes, e que têm como núcleo central Graziela Alvarez, do Centro de Estudos do 3º Mundo, do México; Magali Pineda, do CIPAF, da República Dominicana; Nohra Rey de Marulanda, diretora docente da Universidade dos Andes, da Colômbia; Fanny Tabak, do Núcleo de Estudos da Mulher, da PUC-RJ e Glória Bonder, do Centro de Estudos da Mulher, da Argentina.

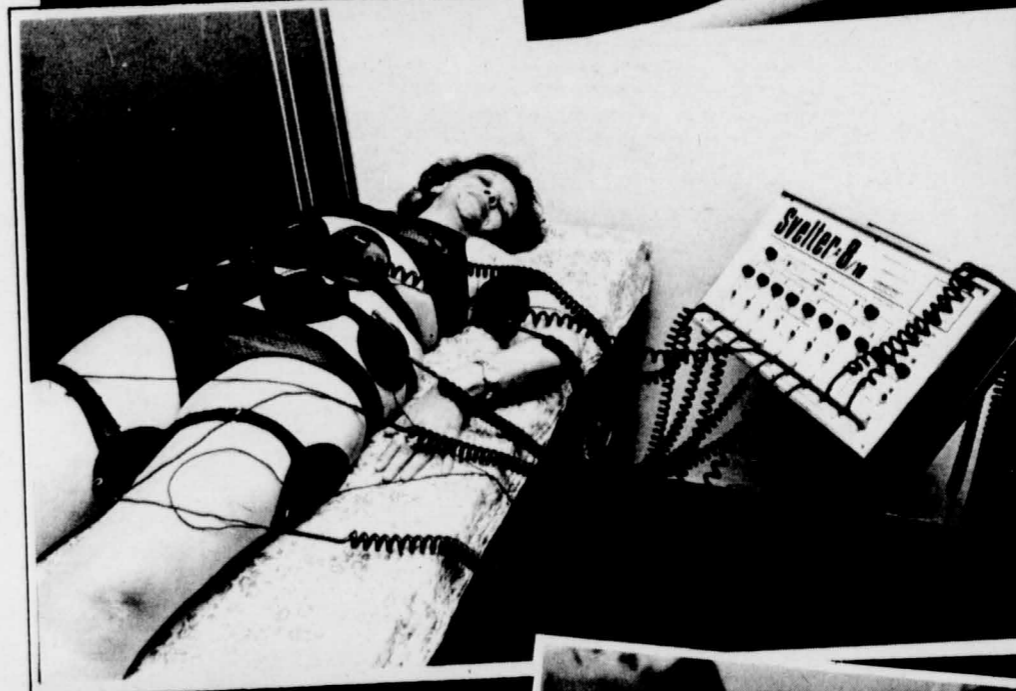
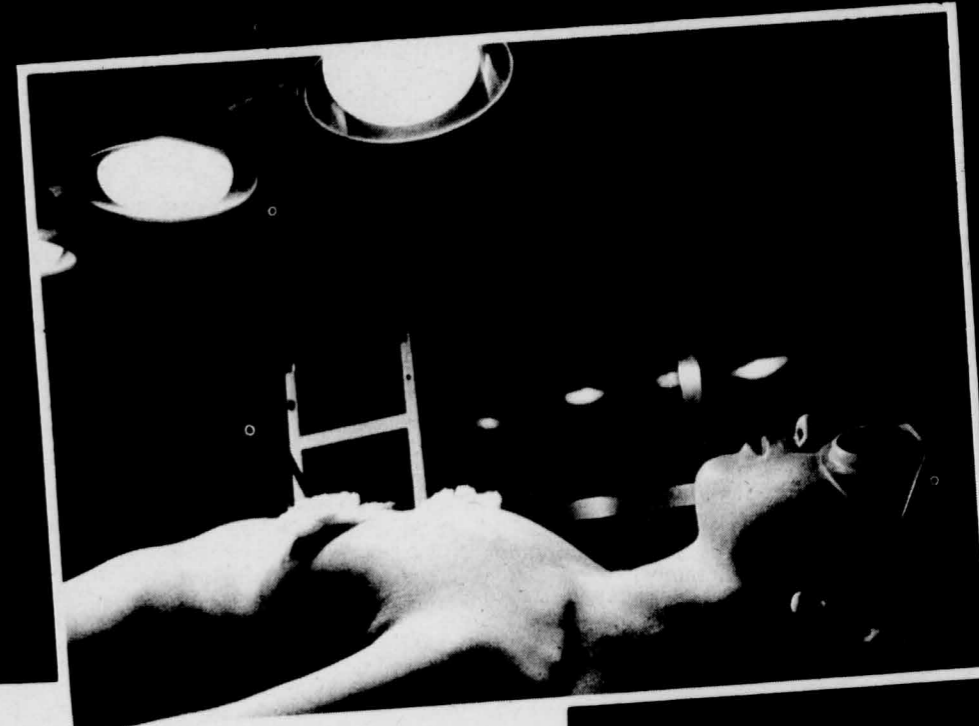
Decidiu-se que tanto o núcleo central como a comissão ampla terão caráter provisório, com compromisso moral de buscar ativamente a mais plena participação de todas as ausentes. Ao núcleo central foram atribuídas seis funções: 1º) elaborar uma proposta de estatuto, em consulta com as integrantes da comissão ampla e com as demais pessoas interessadas; 2º) buscar contactos com as ausentes,

buscando novas filiações; 3º) publicar um boletim com as contribuições de diferentes países; 4º) buscar recursos para realizar um congresso no México, dentro de um ano, aberto à participação de todos os interessados; 5º) elaborar um inventário crítico do que existe em termos de estudos de mulher em cada país; e 6º) elaborar, com base nos relatórios da reunião do Rio, uma relação flexível de prioridades programáticas a nível regional, em relação à formação, pesquisa, ensino e ação.

Dentro de um ano, será possível avaliar a implementação dessas intenções. A associação se tornará representativa na medida em que todas as interessadas procurarem ativamente levar a sua contribuição e fazer-se ouvir pelo núcleo central, e em que este esforçar-se para integrar essas contribuições. As interessadas em afiliar-se provisoriamente podem escrever a Graziela Alvarez: Centro de Estudos Econômicos e Sociais do Terceiro Mundo, Cel. Porfirio Diaz, 50, San Jerônimo Lídice, México 20, DF - México.

A Beleza Produzida

Nada de rugas, estrias, acúmulos de gordura. Nada que indique que somos vivas. Os padrões de beleza exigem que nosso corpo se enquadre dentro de um contorno-padrão, custe o que custar — regimes torturantes



Fotos
Maurício Simonetti - Ag. F. 4

para emagrecimento, mutilações chamadas operações plásticas. sessões contínuas nos prósperos institutos de fisioterapia. Beleza é fundamental, sim. Mas é essa a beleza que queremos?



— Quanta mulher bonita, meu Deus!
O jovem executivo brasileiro, em sua primeira viagem à Europa, deliciava-se à mesa de um café de Saint-Germain-des-Prés, em Paris. Mulheres que, no Brasil, ele só via em festas especialíssimas ou em capas de revistas femininas passeavam diante de seus olhos todo o vigor de uma indústria de prêt-à-porter "popularizada" pelo alto poder aquisitivo do francês. E, no entanto, é certo que, se ele as visse numa praia brasileira, cobertas por um sumário biquíni, elas não chamariam tanto sua atenção nem despertariam a admiração que não o deixava fechar a boca.

O que, então, o fazia considerar bonitas aquelas mulheres? A primeira coisa que passa pela cabeça são as bonecas: nossas bonecas são todas loirinhas e de olhos claros, pele diáfana. Elas são um dos muitos modelos de beleza, o mesmo que ocorre a José, 30 anos, corretor de seguros, que definiu sem hesitar uma mulher bonita como sendo "loira, de olhos azuis, queimada de sol". Ainda que o "queimada de sol" seja uma concessão tupiniquim, é surpreendente que, num país de mestiços, o padrão de beleza feminina que vem imediatamente à mente de um brasileiro médio seja a loira, de olhos azuis.

Ou verdes: Paula, 18 anos, vestibulanda típica da nossa juventude dourada, cita Bruna Lombardi como exemplo — com o que concordam imediatamente suas colegas, nas escadarias da Fundação Armando Álvares Penteado. Mas Maria, 15 anos, que tem justamente os olhos azuis do modelo europeu, só que é auxiliar de vendas em Taboão da Serra, acha que não basta esse detalhe e um "corpo legal": é preciso também "uma pintura boa, um cabelo bem penteado". Porque a mulher bonita, a seu ver, "é bem arrumadinha, bem vestida." E não simplesmente

"gostosa", como disse um divertido camêlo no viaduto do Chá, enchendo a boca com a palavra.

"Arrumação" como sinônimo de beleza e beleza como sinônimo de status: porque é preciso dinheiro sim, e muito. Ou Maria das Dores, margarida que varria preguiçosamente a Xavier de Toledo, não teria ruborizado para responder se é bonita: "Quando me arrumo, em dia de festa, sou sim... Acho que sou... Mas não que nem os ricos..." Pois os ricos podem recorrer a todos os artifícios da indústria da beleza: os modelos, assim, condicionam as pessoas, e muito especialmente as mulheres, aos interesses econômicos do sistema.

Neusa, 27 anos, cabeleireira, não acha que exista um modelo universal de mulher bonita. "As novelas de televisão influem muitíssimo", diz ela. "Conforme muda a novela, muda o modelo." De fato, a maioria das mulheres de seu salão cita Vera Fischer, a "Luíza", de "Brilhante", como exemplo de mulher bonita.

"Luíza" é a mulher perfeita para a sociedade de consumo: além de bonita, é também uma mulher emancipada, que se veste simplesmente — mas sempre na moda e com muito charme — se maquia com suavidade. Despedida do emprego, abandonada pelo homem de sua vida, nunca perde o bom humor: conserva todas as qualidades da clássica esposa-mãe, é compreensiva, carinhosa, alegre, terna. Nunca está suada, despenteada, com a maquiagem borrada, nem no fim de um exaustivo dia de trabalho e grandes emoções.

Evidentemente, Vera Fischer não é "Luíza". Como Sônia Braga, a baixinha de pernas finas que "ninguém olha na rua", não é Sônia Braga, a morena sensual e langorosa produzida pela Globo. Como ela mesma admite, nada a torna especial quando não está produzida para novelas ou filmes.

Assim, os modelos são criados e transformados continuamente, tornando impossível à comum das mortais acompanhar as alterações, que não são apenas superficiais mas de essência: peitos gran-

des ou pequenos, corpo esbelto ou rechonchudo, olhos verdes ou azuis. Além disso, cada modelo produzido é absolutamente inatingível, mesmo isolado, porque é "perfeito", como é o caso de "Luíza".

Anésia, artista plástica, lembra que os gregos foram os primeiros a valorizar socialmente a beleza formal. E mais: Afrodite era a deusa da Beleza e do Amor e, desde então, a mulher bela é a mulher amada. E quem não quer ser amada?

Mas "quem ama o feio, bonito lhe parece", como diz o ditado, o que mostra que há alguma coisa além da forma. Isso explica a insistência das pessoas, quando perguntadas sobre a beleza, em responder como Terezinha, 48 anos, auxiliar de enfermagem:

— Beleza externa ou beleza interna? O Nelson Ned, por exemplo, é um anãozinho, mas tem qualidades como cantor. Eu acho que o interior dele é uma coisa maravilhosa.

Da mesma forma reage Ana Maria, corretora de seguros, 45 anos, que fala em "beleza espiritual", e o contador Pedro, 25 anos, que não olha "só a beleza externa da pessoa", mas pede desculpas por não estar de gravata, pela barba por fazer, pelo cabelo despenteado.

Só Anésia destoa desse discurso da dualidade, citando Bergman: "O mais profundo é a pele, dizia ele. Também acho que o ser humano não é uma cebola, da qual se vão tirando as cascas até

chegar ao miolo da espiritualidade..."

Mas Marília, 47 anos, dona-de-casa, decreta sem hesitar: "O que define uma mulher bonita é, em primeiro lugar, a simpatia". E, no entanto, não é de sua simpatia que ela está cuidando num salão de beleza de bairro. Mas logo se trai: "Mulher bonita é a que tem traços perfeitos. Eu, por exemplo, sou muito mais simpática do que bonita". E volta à linha de beleza exterior: "Mulher bonita é aquela que não precisa de nada: sai do banho bonita, acorda bonita".

As idas e vindas de Marília em torno da beleza, tão evidentes em sua fala, são mais sutis em outras mulheres, especialmente nas mais jovens. Na essência, contudo, voltam ao mesmo triste impasse: como coordenar auto-estima e exigência social? Como gostar de si mesma, e, ao mesmo tempo, parecer ser outra, dar a impressão de ser rica e bela, tanto quanto o padrão estabelecido exige?

Pois a beleza dos modelos difundidos não é só formal: ela também tem muito a ver com dinheiro, com prestígio social, com status. A maquiagem, por exemplo, é importante para ficar mais aparentosa, como diz Clumara, 18 anos, caindo de charme. Retendo o sorriso de dentes quebrados, ela fala muito em aparência, tanto quanto Maria: "A gente se arruma pra dar aparência pros outros, né? A gente não pode aceitar não se arrumar, eu acho chato. Vai andar assim que nem um...".

Marlene, diagramadora de 34 anos,

conta que viu uma peça em que a atriz olha no espelho e 'descobre' seu rosto: "Ela descobre que o rosto é seu, e que ela não pode continuar se reconhecendo no outro, deixando que seu rosto seja o reflexo do desejo e da expectativa do outro. Preciso recuperar meu rosto para fazer dele o que eu quiser e é isso que vai me dar prazer".

E aí talvez esteja um dos muitos XX da questão: os rostos das pessoas, e muito especialmente os das mulheres, não são — parecem. Parecem o que não são para poder corresponder a modelos de beleza que são sinônimos de valorização social — admiração, prestígio, sucesso, amor. A ordem é tentar fazer-de-conta-que.

O problema é que, no frígido dos ovos, as grandes enganadas somos nós mesmas: nos persegue uma frustração por estarmos inevitavelmente distantes dos modelos — "porque eu sou única e não posso ser outra", como diz Marlene. Essa frustração é clara em Cida, 27 anos, que trabalha na seção de embalagem da Ciba-Geigy: "Acho que ainda falta muita coisa em mim para ser bonita", diz ela, com um ar constornado.

O sistema explora essa frustração, como explora e recupera habilmente toda tentativa de criar modelos marginais — e o movimento hippie é um exemplo típico: hoje, podem ser encontrados jeans com a etiqueta Pierre Cardin a preços extorsivos...

Esses estilos e modelos nos penetram tão profundamente que mesmo uma intelectual feminista como Anésia não consegue escapar quando perguntada sobre a própria beleza: "A gente discute e tal, mas a gente também não quer ser um buxo, né? Nós todas, mulheres, estamos muito presas ao padrão".

Será que não há saída? O sistema é mesmo cheio de tentáculos e nos envolve a todas inelutavelmente? Talvez as coi-

sas não sejam tão ruins. A própria recuperação do movimento hippie tem seu aspecto positivo: mal ou bem, alguma coisa do movimento ficou.

A criatividade, por exemplo, está na moda: "faça seu tipo, invente sua roupa". O sistema ganha dinheiro com isso? Sem dúvida. Mas nós ganhamos a possibilidade de não seguir esquemas rígidos — como eram o cabelo desfiado e o laquê dez anos atrás —, de combinar estilos variados sem a censura do grupo social.

É isso talvez que permite a Cláudia, 23 anos, auxiliar de escritório, dispensar o rouge: "Gosto da minha bochecha rosada pelo sol". Ou a Paula, a vestibulanda, definir a mulher bonita como aquela que "tem vida". Ou ainda a Dora, dona-de-casa de 27 anos, ousar desafiar o modelo Vera Fischer: "Eu não disse que ela é mais maravilhosa do que eu. Eu só acho ela bonita. E eu também. Como todas as mulheres são bonitas".

"Hoje, a moda está muito à vontade", explica Neusa, 27 anos, dona de um salão de beleza. "Você usa o cabelo crespo, liso, você usa o que você quiser." Diante do argumento de que a decisão pode não ser tão pessoal assim, que obedece aos interesses de indústrias que criam necessidades, Neusa reage:

— A indústria simplesmente cria. Você usa se quiser. Dentro disso, pelo menos, você escolhe. Pra essas bobagens, todo mundo fica à vontade. Mas decida onde você quer viver e da maneira que você quer viver, da maneira que você quer se alimentar, que é necessário: você não tem decisão. Pergunte a um favelado o que ele quer almoçar. Ele pode ficar querendo a vida inteira: ele não vai decidir.

Tá certo, Neusa. A chave deve estar por aí: exercer o poder de seleção sobre os modelos, usar os modelos e não se deixar usar por eles, não ser apenas um manequim desengonçado na passarela social. Porque a Twigg é a Twigg, mas eu sou eu e você é você. E nenhuma de nós poderá ter o rosto da outra.

Espelho, espelho meu

Você é bonita? Na rua, no salão de beleza, as mulheres reagem com um indistigável constrangimento: entre a frustração por não ser uma Vera Fischer e a culpabilidade por desejar sê-lo, apesar de tudo o que nos ensinaram sobre "beleza interior", onde é que fica o prazer de agradar?

Leda Beck

Neusa
"Nessas bobagens a gente escolhe sim. Mas vá decidir como você quer viver ou comer."

Maria
"Mulher bonita tem um corpo legal, uma pintura boa, um cabelo bem penteado."

Pedro
"Eu me acho bonito conforme o traje. Hoje, por exemplo, falta a gravata."

Sueli
"Ah, eu não acho eu bela não... A gente deixa que os outros achem a gente."

Ana Maria
"Andar bem arrumado é muito importante. E pra se arrumar é só ter bom gosto."

Maria das Dores
"Eu? Bonita? Às vezes... Mas não que nem os ricos."



Beleza é fundamental, sim

Maria Rita Kehl

"As feias que me perdoem mas a beleza é fundamental"

Frase sacana a do poeta. Nos coloca a todas diante do angustiante dilema de decidir (nós não; nós não decidimos nada — nesse assunto, os outros é que decidem por nós) se estamos lá ou cá. Na primeira ou na segunda linha. Entre aquelas que possuem o que é considerado fundamental ou entre as dispensáveis, a quem resta somente perdoar o poeta. Ou pedir perdão por aquilo que nos falta.

Vinicius de Moraes talvez se sentisse com poderes de juiz não apenas por ser do sexo masculino, mas por estar seguro em nos agradar. Ou seja: seguro de que, no seu caso, a beleza (estou sempre me referindo à beleza

física estereotipada, ao padrão global, de qualidade a que estamos submetidos, é claro) não é fundamental. O poeta se colocava na posição de quem escolhe (como tantos outros), seguro de que seus atributos lhe possibilitariam ser aceito pela escolhida. No caso, por exemplo, o fato de ser um homem sensível, poeta reconhecido, experiente da vida, e, quem sabe, carinhoso, envolvente, etc. tudo isso poderia fazer dele um homem desejável. Mas, à "mulher feia", nem todas essas qualidades reunidas seriam suficientes: "beleza é fundamental".

A primeira justificativa para esta diferença entre homens e mulheres é bastante conhecida: o homem é aquele que olha; seu desejo passa pelo olhar. A mulher é olhada e seu desejo passa principalmente por aí — por se fazer desejada. O que é uma verdade empírica mas pode se tornar uma

mentira se formos um pouquinho além das aparências. Começando pela constatação mais banal: a mulher não olha porque foi reprimida, ensinada e educada para não olhar. Na nossa cultura, a mulher que encara ostensivamente o homem é a prostituta, e este signo todas nós fomos ensinadas a não portar em nenhuma situação. Mas a inibição do olhar feminino pode ter ainda outras razões: este olhar não é impune. O homem pode cometer a violência, a invasão de nos analisar abertamente com os olhos, percorrer todas as formas do corpo da mulher em qualquer lugar público, e o único risco que corre é o de receber em troca uma cara feia ou uma tímida expressão de desagrado. Mas a mulher teme a violência masculina, sobretudo a violência sexual. Eu encaro um homem bonito na rua — e depois? Se ele vier atrás de mim? Se ele pensar que...? etc etc etc. Posso dizer que meu olhar só se desinibe entre amigos muito próximos, ou em raras ocasiões em que eu consigo realmente me colocar na posição de desejante — sem achar que isto representa uma vergonha para mim.

Mas mesmo quando a mulher olha o homem, ainda se coloca uma questão: o que é que ela vê? Vê a beleza, sim — sobretudo aquela que emana da sensualidade, às vezes da doçura, da sensibilidade. Se é que a repressão tem alguma consequência vantajosa, posso pensar que no caso dos valores envolvidos no mercado sexual de nos-

sa sociedade, o fato da mulher ser mais reprimida como conquistadora nos permitiu tempo e espaço para ver, no homem, outras coisas. Se os homens afirmam que vêem na mulher antes de mais nada "belos contornos", considero isso como um empobrecimento de sua capacidade de olhar e ver. Estou convencida de que nosso olhar sabe encontrar no homem sinais do que ele é, além dos contornos de sua musculatura.

Por outro lado, o que mais nos ofende não é sermos olhadas, contempladas e (às vezes) admiradas, mas o fato de saber que o outro nos olha como se olhasse um corpo morto. Aí está a contradição que a sociedade de consumo criou para a mulher que deseja ser bela segundo suas normas: mais do que nunca, hoje os padrões de beleza exigem que sejamos incorporadas.

Não somos aceitas e talvez não nos aceitemos como seres que existem a partir de, dentro de, através de um corpo. O corpo que podemos e devemos ostentar, corpo plástico e sem "imperfeições", corpo que esconde todas as marcas do tempo e de nossa história de vida — esse corpo feminino é exibido, cobigado e consumido nessa condição: a de ser um corpo morto. Nosso corpo é aceito, exposto e aparentemente liberado de uma moral que o considerava como o lugar do pecado — mas é liberto somente na condição de coisa. Como tal, pode e deve exibir sua superfície, sua forma, seu contorno — mas deve forçar suas tendências naturais de modo a que tal contorno se enquadre dentro de um contorno-padrão, custe o que custar.

Hoje, para que a mulher seja ao mesmo tempo "moderna" (ativa, independente, trabalhadora, etc) e atraente dentro dos mesmos padrões de boneca de luxo de antigamente, precisa consumir muito mais. Civilização avançada é isso aí. A indústria dos bens supérfluos nos oferece cotidianamente uma tecnologia que nos convida a intervir sobre o corpo de modo a esconder sua condição de estar vivo, para exibir apenas sua potencialidade como depositário do desejo do outro. O outro, a quem nosso corpo não deve incomodar, cheirar, melar, molhar, revelar-se. O outro que não aceita nosso corpo caso ele envelhecer, engordar, perder a consistência "pneumática", empalidecer, engravidar...

No entanto, depois de tudo isso continuo concordando com uma parte da frase opressiva do poeta: "beleza é fundamental". O que propomos não é o elogio da feiúra, a ideologia do "quanto mais maltratada melhor" — e sim a subversão de nossos conceitos estéticos.

A maior beleza é a do corpo livre, desinibido em seu jeito próprio de ser, gracioso porque todo ser vivo é gracioso quando não vive oprimido e com medo. É a livre expressão de nossos humores, desejos e odores; é o fim da culpa e do medo que sentimos pela nossa sensualidade natural; é a conquista do direito e da coragem a uma vida afetiva mais satisfatória; é a liberdade, a ternura e a autoconfiança que nos tornarão belas. É essa a beleza fundamental.

Quem ganha quando a moda pega

Célia Chaim

Na primavera do ano passado, quando as revistas femininas decretaram a volta da minissaia, baseando-se no que havia sido mostrado pelo verão europeu, mulheres de todas as idades cogitaram a possibilidade de subir alguns centímetros no comprimento de vestidos e saias que, abaixo do joelho ou acima do tornozelo, entravam imediatamente para o grupo dos artigos "demodê".

Mais uma vez, os estilistas europeus faziam o jogo de seus empregadores — a indústria têxtil e de confecções —, impondo às mulheres uma nova

tendência para aliviar os efeitos da inflação e da recessão nos balanços das empresas. Ou seja, os preços das roupas subiram e a tendência era de retração na demanda, pois preços altos afastam os compradores. Por isso, a oferta de um produto novo, feito com material barato (possibilitando a redução de custos e de preços), certamente estimularia a compra de vários desses novos artigos.

A volta da minissaia constituiu uma estratégia perfeita da indústria têxtil e de confecções: mesmo diante de uma inflação superior a 100%, a



Foto Ricardo Malta - Ag. F14

Foto Nair Benedito - Ag. F14

previsão de aumento de 5% no consumo de fibras foi atingida, graças a poderosas manipulações de marketing.

É justamente sob a reação das mulheres à manipulação que se acomoda uma verdadeira mina de ouro, com perspectivas virtualmente ilimitadas. Dessa mina, empresários de setores variados se atropelam para extrair lucros cada vez mais robustos, a partir da especulação do corpo feminino. A receita é simples: cria-se um padrão de beleza e acionam-se os mecanismos de persuasão; os padrões mudam, a moda muda, oferecem-se novos produtos e o ciclo não pára.

A prática mostra que não faltam mercadorias. Nem tendências e padrões que nos levam a cortar e encrascar os cabelos como mostra a atriz da novela das oito ou a andar fantasiados de esportistas como sugeriu a moda descontraída da revista feminina. Todos ganham quando a moda pega. Por exemplo: o mercado de roupas esportivas cresce, hoje no Brasil, na mesma proporção dos artigos de jeans nos anos de sua introdução, isto é, cerca de 20% ao ano. Lançados há sete anos pela multinacional Adidas, os "agasalhos" conseguiram transformar brasileiras e brasileiras, pouco dados ao exercício físico, em ávidos consumidores de roupas de ginástica. Em 1981, a indústria que fabrica essas roupas deve ter faturado 30 bilhões de cruzeiros.

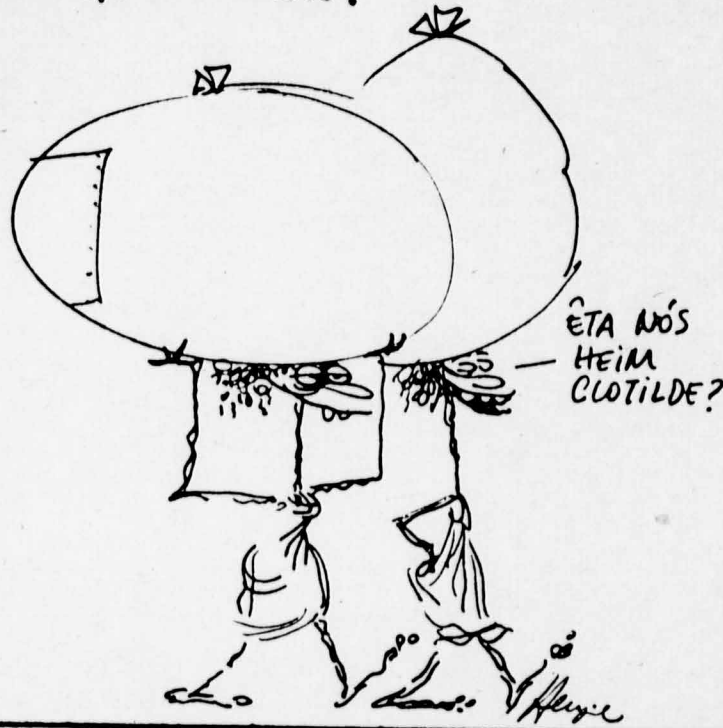
A indústria da fantasia

Para acompanhar o estilo de roupas informais e fugir às altas sucessivas de preço da matéria-prima couro, essa mesma indústria decidiu que os pés — no frio ou calor — devem estar protegidos por tênis. E os tênis ganharam as ruas, criando, no Brasil, um mercado avaliado em 15 bilhões de cruzeiros, segundo a São Paulo Alpargatas, que lidera o setor com as marcas "Topper" e "Rainha". De 1980 para cá, o crescimento foi de 30%: eram 10 milhões de pares em 1980; em 81 passaram a 13 milhões. A Alpargatas, que também nos veste com calças "US Top", ocupa o 11º lugar entre os 700 maiores grupos privados do País, com um lucro que no último exercício financeiro foi de Cr\$ 4.083 bilhões, descontado o imposto de renda.

O setor de calçados tem outro exemplo interessante — o da moda do plástico. As sandálias desse material não chegaram por acaso aos pés de suas compradoras. Já invadiam os Estados Unidos há bem mais de um ano, quando os fabricantes brasileiros — também aproveitando as dificuldades apresentadas para a produção de calçados em couro — descobriram no material sintético uma nova e promissora fonte de lucros. A Grendenne S.A., do Rio Grande do Sul, fabricante da Melissa e Karina, anunciou para 81 um faturamento de Cr\$ 8 bilhões de cruzeiros. Graças aos lucros acumulados (em 1980, estimava-se o lançamento mensal de 2,5 milhões de unidades), a empresa adquiriu, no ano passado, uma gigantesca área de terras de aproximadamente 50 mil hectares em Mato Grosso, onde pretende implantar um projeto agropecuário.

Mas não é só a indústria do vestuário que tenta conquistar as mulheres.

BRASIL: 40
COLOCADO EM
BELEZA MUNDIAL!



Elas estão ainda constantemente submetidas a estratégias de indução que estabelecem quais as características adequadas de sensualidade e beleza. Para ser "bonita" é preciso ter um certo tipo, pesar tantos quilos (nem uma grama a mais ou a menos), ter seios pequenos ou grandes (e para isso estão aí os milionários cirurgiões plásticos, com seus bisturis ou injeções de silicone), pernas finas ou grossas, medidas de acordo com a fita métrica do instituto de ginástica. A barriga bonita é a masculina, reta, quando a ciência já provou que as mulheres têm órgãos internos que formam uma pequena protuberância na região abdominal.

Ginásticas militares apenas enriquecem essa chamada "protuberância" e este é mais um motivo de aflição e frustração para muitas mulheres. As revistas femininas garantem que a sensualidade está no padrão Sônia Braga e que a atriz faz tantas horas de exercícios de balé por dia. Estimulada a frustração, as revistas ganham novos anunciantes (que prometem a solução do suposto problema), mais leitoras assíduas (em busca dessas soluções) e um faturamento que, no caso da Editora Abril, deve ter chegado a 4 bilhões de cruzeiros em 1981, provenientes apenas do chamado "grupo feminino".

Beleza como a das revistas também se faz às custas de potes de cremes, tinturas de cabelo, cosméticos em geral. Tanto que Charles Revlon, criador da Revlon, não hesita em afirmar que "não vendemos cosméticos, vendemos sonhos". De empresas de fundo de quintal a multinacionais, os fabricantes de cosméticos e perfumarias acabam agindo como indústrias da compensação psicológica. "O marketing de cosméticos", diz um repre-

sentante da Revlon, "é a compreensão das psicoses de massa, para rechaçá-las e transformá-las num mundo de sonhos. Entender a mulher, este é o segredo do sucesso".

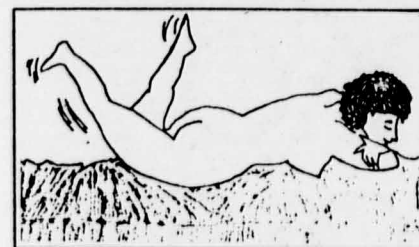
Cerca de 90% deste mercado é dominado, no Brasil, por empresas multinacionais. Como a Avon, que bate de porta em porta, carregando para seus cofres um total que, em 1981, deve ter chegado a Cr\$ 5,7 bilhões de faturamento. A concorrência acirrada do setor impede que os fabricantes revelem dados precisos e atuais sobre lucros e produção, mas sabe-se que o mercado brasileiro de cosméticos e artigos de tocador já atinge dimensões bastante expressivas.

Em 1979, por exemplo, mais de seis mil toneladas de cremes para a pele foram vendidas, resultando num faturamento de Cr\$ 2 bilhões.

O setor investe somas igualmente expressivas na promoção de seus produtos, como os insistentes apelos transmitidos pela televisão da "Sardalina" e de outros produtos anti-sardas, que garantem acabar com o "terrível problema". Na verdade, segundo o professor David Akerman, da cadeira de tecnologia de cosméticos da Faculdade de Farmácia da USP, no mundo inteiro não há produto que tenha esse atributo.

A modelo Márcia Valentim contou, numa de suas entrevistas, que era forçada a disfarçar suas sardas com grossas camadas de maquiagem para atingir o padrão de beleza de um modelo fotográfico. Esse padrão mudou e hoje são as sardas de Márcia que lhe garantem a imagem de sensualidade. Quem decidiu? O mesmo sistema que, neste verão, determina calças pelo joelho, cores alarmantes, cabelos arrepiados. Para todas as mulheres, indistintamente.

Muito prazer, periferia



A fila para a sexóloga do hospital

No ambulatório de Ginecologia do gigantesco Hospital das Clínicas, de São Paulo, uma longa fila de mulheres esperam sua vez para serem atendidas num serviço inusitado dentro de um hospital público: o setor de Sexologia e Ginecologia Psicossomática. Ali, desde 1974, uma psicóloga, Valdevez Bittencourt, e um médico, Haruo Okawara, recebem mulheres de baixa renda que apresentam algum tipo de problema sexual — na maioria das vezes, a falta de prazer.

Em novembro passado, a agenda de consultas já estava repleta até o final de janeiro. O grosso da clientela do serviço é constituído de mulheres pobres, que certamente estão sofrendo com a inflação, a falta de empregos, a ausência de água encanada ou de luz, mas que também encontram tempo para ir a um hospital à procura de ajuda na busca do prazer.

Segundo a psicóloga Valdevez Bittencourt, um dos problemas que aparece mais freqüentemente no HC é a repressão do desejo sexual. "Há um grande número de mulheres que não se permitem sentir desejo e excitação. Elas sentem-se culpadas de ter desejo, como se pudessem ser confundidas com prostitutas. Con viver com as emoções de culpa vinculadas ao desejo e à excitação é tão difícil que muitas fogem da situação simplesmente reprimindo o desejo".

A tática empregada pela maioria dessas mulheres é, então, a da "distração" no momento da relação sexual: elas pensam em outras coisas, nos problemas do dia-a-dia, nos filhos, etc., impedindo-se de sentir o estímulo sexual.

Valdevez diz que o homem, em geral, consegue abstrair mais os problemas cotidianos — de emprego, de condução, de sobrevivência — na hora da relação sexual. A mulher enfrenta dificuldades para isso e, em consequência, não desenvolve um sentido de responsabilidade pelo próprio prazer. "O prazer tem que vir de uma situação muito favorável e de um parceiro habilidoso, carinhoso, que pegue na sua mão e lhe diga frases românticas. A mulher não assume a responsabilidade de que depende dela se permitir sentir prazer. Vê o sexo como responsabilidade do homem".

Ao contrário do que dizem muitos militantes políticos, a preocupação com a própria sexualidade não é exclusiva de burguesas ociosas ou intelectualizadas. É o que demonstram estas duas experiências:

Na maioria dos casos, afirma a psicóloga, os problemas sexuais decorrem de uma vida conjugal insatisfatória. "Na semana passada, atendi uma moça de 29 anos mas aparência de 40, quatro filhos, que no começo do casamento sentia prazer na cama. Com o tempo, o marido foi se tornando a cada dia menos afetivo, menos carinhoso, e ela foi se sentindo rejeitada, insegura. Quando ela foi para o hospital ter o quarto filho, o marido levou outra mulher para casa. Depois de voltar para casa e encontrar a outra, ela não sentiu mais prazer nenhum, a relação tornou-se algo aversivo. Na terapia que estou fazendo, o foco não é o sexo em si, mas o tipo de vínculo que foi desenvolvido entre eles".

Com uma dificuldade de sobrevivência que não lhes permite sequer pensar na possibilidade de separação, essas mulheres continuam convivendo com um marido que não lhes dá a menor satisfação. E ainda, muitas vezes, acusam-nas de frieza, ameaçando abandoná-las, diz Valdevez. É com essas mulheres que a psicóloga trabalha, em terapias que em muitos casos se prolongam por mais de um ano.

Conversando sobre sexo no clube de mães



Quinzenalmente, 10 a 20 mulheres do Clube de Mães de Diadema, cidade industrial paulista, reúnem-se com uma equipe de pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas. Com os filhos a tiracolo, elas chegam ao barracão acolhedor com um objetivo: conversar sobre a sua vida sexual.

São mulheres simples, donas-de-casa dedicadas ao trabalho doméstico e ao cuidado dos filhos pequenos. A maioria está na faixa dos 25 aos 35 anos e, mesmo sendo alfabetizadas, têm muita dificuldade com a leitura. Junto com elas, a equipe da Fundação está elaborando uma série de folhetos sobre sexualidade feminina, todos com muitas ilustrações. (Já estão prontos cinco folhetos: "Entendendo o

nosso corpo"; "Quando os filhos perguntam certas coisas..."; "Quero ser mãe?"; "A consulta ginecológica" e "Muito prazer", ilustrados por Marilena Piri.)

Da mesma forma como se deslocam para ir ao barracão do clube fazer tricô ou participar de um curso de gestantes, essas mulheres também se interessam em discutir seus problemas mais íntimos e aproveitam ao máximo esse espaço de sociabilidade e a oportunidade de sair dos limites acanhados de seu mundo doméstico.

Falando de seus prazeres, ou da falta deles, nunca se esquecem, por exemplo, de como fica complicado "transar" quando toda a família se amontoa num só cômodo, ou quando o desemprego bate à porta. Mas percebem também que não é só isso que conta. O desconhecimento do próprio corpo, a vergonha ou o nojo de certas partes, também contribuem para uma vivência sexual pouco satisfatória.

Desde as primeiras reuniões, Teresinha, pouco mais de 20 anos, duas filhas, e uma das mais animadas do grupo, dizia gostar do marido, embora nunca conseguisse satisfazer-se plenamente nas relações sexuais. Ficou surpresa e animada ao conhecer a função do clitóris — ou "campainha", como resolveram chamar. No encontro seguinte, ela contou que tinha conversado com o marido e, juntos, haviam procurado outras formas de se estimular sexualmente, conseguindo uma relação muito mais prazerosa.

Noutra ocasião, as mulheres sugeriram uma discussão sobre como deveria ser uma visita ao ginecologista. Lola, que não perde uma reunião, ofereceu-se para ser examinada. Elisabeth Meloni, médica que faz parte da equipe de pesquisa, mostrou a todas como se coloca o espéculo, como é o colo do útero, a vagina etc. Em seguida, com o auxílio de um espelho, Lola se auto-examinou.

"Foi um momento emocionante", relatam Cristina Bruschini e Cecília Simonetti, que fazem parte da equipe. "Tudo se passou num clima solene de descoberta de algo importante para cada uma. Houve muita curiosidade, muito espanto e admiração ao descobrir como a mulher é bonita por dentro, percebendo-se, pelos comentários, o quanto a experiência foi valorizada por todas."

"Momentos como esse — concluem elas — nos fortalecem para enfrentar o ceticismo dos que afirmam que a repressão sexual não se inclui no rol das preocupações das mulheres de baixa renda. Deixam também evidente a possibilidade de diálogo e entendimento entre mulheres de origens sociais e ocupações diferentes. Talvez porque tenhamos em comum a opressão sexual, mesmo que esta se manifeste de maneira específica nas diferentes classes sociais."

Com as mulheres acontece essa coisa estranha: vão muito ao médico sem estarem doentes. Vão porque estão grávidas, na menopausa, para falar de regras ou de anticoncepção. Uma boa parte de suas vidas, de sua natureza, com o tempo transformou-se em problema médico.

Antigamente, essas coisas se resolviam entre mulheres, na base da intuição e da experiência, conselho da amiga, da vizinha ou da avó. Conselho dado baixinho, que dessas coisas não é fácil falar. Corpo e sexo da mulher sempre foram tabu e, protegidos pelo pudor, acabaram sendo um mistério insondável para as próprias mulheres.

Com o médico ficaram a autoridade, a competência e o direito de falar nesses assuntos. No Brasil, a assistência médica continua sendo um privilégio e um luxo. Mas, paradoxalmente, foi nos países ricos, naqueles em que o excesso de assistência médica desresponsabilizou as pessoas face à sua saúde, que nasceu o movimento chamado self-help (auto-ajuda).

Trocado em miúdos, auto-ajuda quer dizer que a saúde é mais um problema de prevenção e de educação do que um problema médico. Todo mundo deveria conhecer melhor seu próprio corpo e ser capaz de cuidar dele, evitar ficar doente, consumir menos remédios e pagar menos consultas médicas.

Vindo dos Estados Unidos na década de 70, o movimento da auto-ajuda chegou à Europa e, aqui em Genebra, virou um Dispensário de Mulheres cuja experiência merece ser contada.

Chinelos coloridos

Mulheres de diferentes profissões — enfermeiras, psicólogas, biólogas e outras — reuniram-se durante um ano, sem a presença de nenhum médico, e planejaram em detalhes o que seria essa nova clínica. Aprenderam a fazer um exame ginecológico, reconhecer infecções, examinar um colo de útero, identificar num microscópio um tipo de micróbio, descobrir um caroço no seio.

Por exigências legais, duas médicas se incorporaram à equipe de 14 "trabalhadoras" — como se intitulam essas terapeutas improvisadas que recusam, igualmente, a expressão "paciente" para marcar sua opção por uma relação não hierárquica com a doente.

Quem entra no Dispensário não tem a impressão de uma clínica médica. A decoração é mais a de um apartamento, e ninguém usa jaleco branco. Duas "trabalhadoras" recebem, na sala de consulta, a "usuária" um tanto perplexa com essa situação nova.

Antes do exame clínico, as mulheres falam de si mesmas, queixam-se de seus males. Elas, que ouvem as queixas de todo mundo, do marido, dos filhos, que consolam os aflitos, vêm ali para, finalmente, serem ouvidas.

A atenção que recebem abre a possibilidade de um diálogo novo. "Eu

AS BRUXAS ESTÃO DE VOLTA

Rosiska Darcy de Oliveira, de Genebra.



Gravura de Redon (1882)

lembro-me de uma mulher que veio para experimentar um diafragma. Nós tentamos inutilmente lhe explicar como é que se coloca um diafragma, uma coisa simples, que ela não compreendia. Acabamos percebendo que havia alguma outra coisa que a impedia de compreender. E, de repente, ela começou a chorar e a contar seus problemas e sua vida sexual... Não era por acaso que ela não conseguia colocar o diafragma. Depois que ela chorou e falou, na primeira vez que tentou colocá-lo conseguiu."

Os exames clínicos também são realizados por duas "trabalhadoras", e representam, para a usuária, uma ocasião de aprender a conhecer seu próprio corpo — por exemplo, a examinar-se utilizando um simples espelho e a apalpar os seios para prevenir o aparecimento do câncer. As responsáveis pelo Dispensário entendem que a mulher foi expropriada de seu corpo, perdeu todo o direito sobre ele. E começar a conhecê-lo, a se olhar, a se tocar, são passos importantes na reapropriação deste corpo.

Na sala de consulta, há uma mesa ginecológica como em qualquer consultório. Mas, ali onde enfiamos os pés, chinelos coloridos substituem o habitual estribo metálico em que nos apoiamos. Uma vez deitadas, um cariz colado no teto diminui um pouco a angústia do branco.

Tudo isso é um pouco insólito, mas distende a atmosfera e ajuda o aprendizado da "usuária". É ela quem escolhe a terapia entre as várias opções que lhe são oferecidas e explicadas: ervas e chás ou comprimidos químicos. As responsáveis pelo Dispensário preferem, é claro, as ervas e o chá.

Confronto com os médicos

Esse tipo de experiência que nasceu do movimento feminista encontrou uma grande desconfiança e oposição da parte dos médicos. Mas as responsáveis pelo Dispensário conhecem seus limites e, quando confrontadas com um problema que ultrapassa sua competência, apelam para o hospital melhor aparelhado.

O Estado também recusou subvencionar a clínica. Resultado: duas mil mulheres saíram em passeata pelas ruas de Genebra, num domingo de inverno, enfrentando 5 graus abaixo de zero, para reafirmar sua confiança na equipe, as verdadeiras médicas a quem recorrem.

Do movimento de mulheres, o Dispensário herdou também todo um estilo de vida: trabalho de meio período para ter tempo de ficar em casa com os filhos, recusa do ritmo de atendimento em alta rotatividade, participação das usuárias na gestão da clínica. Vivendo de salários baixos, as mulheres do Dispensário aplicam a si mesmas os princípios que pregam de conservação da saúde. Vegetarianas, esportivas, ecologistas, antinucleares, inovadoras no modo de vida, são um ar fresco na atmosfera carregada de conservadorismo da política suíça.

Esse ar fresco vem soprando há muito tempo na Europa. Faz cinco anos participei em Roma de uma gigantesca manifestação feminista. Fantasiadas de bruxas, iluminando a noite romana com longos círios, 50 mil mulheres cantavam em voz baixa: "Cuidado, cuidado, as feiticeiras estão de volta..."

Esse estranho slogan, associando bruxas a feministas, fica agora mais claro. Sempre nos contaram as histórias das feiticeiras como mulheres que

foram queimadas vivas porque, em pacto com o diabo, faziam abortos, conheciam ervas afrodisíacas e praticavam a medicina clandestinamente.

Mas essa história era contada por quem as queimou. Para as feministas, as bruxas são todas as mulheres que desafiam o poder médico, afirmam que sabem coisas, exigem o controle de seu próprio corpo e provam que tudo isso é possível fazendo. O que não impede que, sobre elas, continue a se abater a repressão, mesmo se as fogueiras saíram de moda.

O SOS Corpo

Virgínia Botelho,
de Recife

Inspirados diretamente na experiência do Dispensário de Genebra, oito grupos de auto-ajuda funcionam há um ano no Recife. Eles foram formados por Regine Nogueira e Dolores Wanscheer, que moram atualmente na cidade. Regine, suíça, socióloga, 30 anos, morava em Genebra quando teve contato com as mulheres do Dispensário. Dolores, catarinense, bióloga, 30 anos, viveu a mesma experiência em Paris, entre 1978 e 1980.

A partir do encontro de Regine e Dolores, criou-se o primeiro grupo, logo batizado de "SOS Corpo", com a participação de oito mulheres, entre engenheiras, médicas e jornalistas. A experiência frutificou, e hoje funcionam cinco grupos de mulheres de classe média e três de moradoras em bairros periféricos.

As participantes do SOS Corpo reúnem-se uma vez por semana. Logo no início dos encontros, aprendem a fazer o auto-exame, ou seja, cada uma aprende a examinar sua própria vagina e o colo de útero com a ajuda de um espécúlo, uma lanterna e um espelho; e a examinar os seios, para verificar se apareceram caroços.

Numa brochura publicada pelo grupo, elas dizem que "é muito estimulante fazer o auto-exame. Dá muita segurança saber que podemos nós mesmas observar as mudanças cíclicas do colo do útero e do interior da vagina, para localizarmos com mais precisão nosso período ovulatório, por exemplo. Esta prática nos ajuda não só a ter maior controle sobre nossa fertilidade, como também a acompanhar melhor a saúde de nossa vagina, identificando as diferentes 'doenças' vaginais e cervicais. No princípio, algumas ficaram inibidas ou medrosas. Mas, quebrando as primeiras barreiras, tudo se tornou mais fácil".

Depois da primeira etapa, em que as mulheres têm maior controle sobre o funcionamento de seus corpos, elas passam a discutir métodos contraceptivos e sua sexualidade. Também aprendem a identificar as doenças ginecológicas mais frequentes e até curá-las com plantas e remédios caseiros, "sem pagar preços altíssimos por remédios fabricados pelos laboratórios estrangeiros, sem precisar sair correndo para o médico ao primeiro sinal de corrimento".

Na brochura, as integrantes do SOS Corpo descrevem detalhadamente como reconhecer as infecções mais comuns e como usar remédios caseiros para combatê-los. Segundo o caso, o remédio pode ser iogurte caseiro (ele possui lactobacilos que, introduzidos na vagina, recuperam sua acidez natural), um dente de alho envolvido em gaze, lavagens com vinagre ou violeta genciana.

Esses métodos são utilizados há algum tempo na Europa. Mas elas indicam também o uso de plantas difundidas há muito tempo no Interior brasileiro, agora relacionadas por Dolores, que é bióloga e trabalha em pesquisas farmacológicas. Por exemplo: chás de colônia, aroeira, cabeça de negro (para tratar corrimentos), chás de sabugueiro, timbó, arruda (para infecções do útero e do cervix) e chá de alfaça (para cistites).

Mas o mais importante, para o SOS Corpo, é prevenir o aparecimento de infecções. Neste sentido, elas dão as seguintes dicas: lavar a vulva com a mão, sem usar esponjas, que são um ninho ideal para os germes; lavar-se de preferência sem sabão e não abusar das lavagens vaginais, para não eliminar a acidez da vagina; não usar calcinhas de fibra sintética, pois elas impedem a circulação do ar, criando quentura e umidade, clima ideal para o desenvolvimento de germes; enxugar cuidadosamente os pequenos e grandes lábios, após o banho; evitar calças apertadas que ferem a vulva; e, se possível, expor a vulva ao sol, pois isso favorece a defesa e a regeneração das células.

Mulheres trabalhadoras — Presença feminina na constituição do sistema fabril, de Maria Valéria Junho Pena. Editora Paz e Terra, 227 páginas, Cr\$ 640,00.



A consciência da operária

A recuperação da presença feminina na industrialização brasileira geralmente tem sido feita através do resgate do heroísmo. E com grande sacrifício da precisão, tal como ocorreu na construção do mito do imigrante militante (todos os trabalhadores que imigraram seriam automaticamente arduos combatentes). Em relatos chorosos mas de eficácia duvidosa, mostram-se as mulheres, submetidas à exploração diferenciada desde os primeiros momentos da fábrica, grandes revoltosas, imersas num vale de lágrimas que as redimira.

O livro de Maria Valéria Junho Pena pertence a uma outra categoria. Apesar de a maioria das teses universitárias quase sempre darem maus livros (porque saem da banca para a editora, sem mais), *Mulheres e Trabalhadoras* é uma entusiasmante exceção. Há um tom engajado, sem qualquer concessão à falta de rigor. Levem em conta que o percurso feito é longo. Poderia ter dado num desastre. A questão central, aqui formulada esquematicamente, envolve investigar como as mulheres na fábrica, além das reivindicações como trabalhadoras e como militantes, expressaram a consciência da condição feminina. Sem nenhuma cobrança. Não se trata de apontar o que poderia ter sido feito, mas de detectar expressões dessa consciência que os pesquisadores na área (quase sempre desatentos para esses aspectos) deixaram ao largo.

Vai ver Maria Valéria Junho Pena poderia não concordar com essa definição, mas o livro trata das várias estratégias femininas que as mulheres no Brasil, fundamentalmente, perseguiram na casa e na fábrica. Esse levantamento foi muito bem-sucedido, primeiro por não ter ficado simplesmente na fábrica ou na militância e ter lidado com o trabalho feminino na família. Ajudou também uma falta de preconceito quanto à utilização dos materiais: além dos estudos convencionais, a literatura e relatos diversificados. O que permitiu escapar de qualquer visão seriada da presença feminina, como se fosse possível que a sinhá, a freira e a escrava sumissem por um passe de mágica, graças ao novo motor da História, a acumulação do capital na industrialização. Registraram-se nos livros as transformações mas as terríveis continuidades estão intactas.

Extremamente oportuna a pá de cal suplementar que Maria Valéria lança sobre a legislação-trabalhistamais-adiantada-do-mundo inclusive para a mulher. Há uma primorosa decodificação dos engodos do gentil pa-

triarcalismo do regime varguista (que sobrevive até nossos tempos) que permitirá sofisticar o debate em torno da legislação feminina (na CLT e no Código do Trabalho).

Diante da incompetência reconhecidamente masculina em desvendar a condição feminina nas pesquisas que até hoje haviam sido feitas sobre o par trabalho/mulher, *Mulheres e Trabalhadoras* terá um papel crucial. Constringerá a nós todos deixar de lado as alegadas dificuldades de lidar com a especificidade das operárias, além das linhas de produção e das greves.

Paulo Sérgio Pinheiro

Paulo Sérgio Pinheiro é professor de ciência política da Unicamp e editor-contribuinte da revista *Isto É*.

O que é o feminismo, de Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy. Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 83 páginas, Cr\$ 190,00.



Resgatando nossa história

As mulheres também têm o que dizer da História da nossa civilização, quase sempre contada na sua versão masculina. Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy tratam de mostrá-la no livro *O que é o feminismo*, da Editora Brasiliense.

Falar do feminismo significa, segundo as autoras, traduzir um processo cujas raízes começam no passado remoto e se estendem, através do cotidiano, até nossos dias, sem ponto de chegada. Um processo contraditório de transformações e retrocessos. Para exemplificá-lo vão resgatar na história da humanidade a participação, as lutas e as conquistas desta metade esquecida da população. Tecem aos poucos uma história, aquela da nossa opressão, mostrando como e por que fomos relegadas ao papel de cidadãs de segunda categoria, excluídas do mundo do pensamento, "aprendendo em silêncio a sujeição..." como dizia o apóstolo São Paulo, mas no entanto presentes no cotidiano, trabalhando, construindo, transformando a sociedade e a própria vida.

Escravidadas na Antiguidade, queimadas em fogueiras na Idade Média, guilhotinadas na Revolução Francesa, espancadas e presas ao reivindicar igualdade em todos os tempos, as mulheres continuam hoje a sua batalha.

Iguals perante a lei no século XX, mas submetidas à mesma ideologia que as quer reclusas, inferiores, submissas, as mulheres hoje aspiram a combater o machismo que se manifesta em todas as esferas, e para tanto se organizam em grupos, associações, movimentos para melhor levar a cabo a sua luta. Olympe de Gournes, escri-

tora, guilhotinada em 1793, acusada de "querer ser um homem de Estado" escreveu que "A mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos... Esses direitos inalienáveis e naturais são a liberdade, a propriedade, a segurança e sobretudo a resistência à opressão". O movimento feminista atual, formado por muitas anônimas Olympes, só tem a ganhar com mais este livro de Branca e Jacqueline, que nos fornece informação e elementos para a reflexão. E além disso é um livro agradável e gostoso de ler.

Beth Vargas

Beth Vargas participa da Associação das Mulheres Jany Chiriac, de São Paulo.

Mulher daqui pra frente, de Marina Colasanti. Editorial Nórdica, 197 páginas, Cr\$ 650,00.



Em busca da nova mulher

Artigos sobre temas diversos, alguns já publicados na revista *Nova*, outras até agora inéditos, estão reunidos no último livro de Marina Colasanti: *Mulher daqui pra frente*, recém-editado pela Nórdica. Logo de início, quando trata do renitente sentimento de culpa feminina, Marina explica as razões de sua preocupação em discutir a mulher "daqui pra frente":

"Digo logo: somos mutantes, mulheres em transição. Como nós, não houve outras antes. E as que vierem depois serão diferentes. Tivemos a coragem de começar um processo de mudança. E porque ainda está em curso estamos tendo a coragem de pagar por ele. (...) A mudança não se fez. Está-se fazendo. E, no "durante" do processo, é impossível ter as respostas e as soluções computadas".

O maior problema de nossa "liberação" parece ser justamente este: a busca de novas respostas. Ao quebrar os padrões pré-estabelecidos ficamos muitas vezes sem saber o que colocar no lugar das respostas tradicionais e vamos tropeçando, capangando, improvisando soluções que nem sempre são as melhores ou as mais eficientes.

Marina prega a necessidade de uma ampla comunicação entre as mulheres para que estas inovações do papel feminino não apareçam como gritos de guerra isolados. É urgente a formação de uma grande corrente de mulheres que possam caminhar solidárias para tomar posse de seu novo lugar social.

Escrevendo numa linguagem simples e direta, Marina aborda neste livro temas tão diversos quanto o direito a mudar de opinião, as fantasias em torno de um amante, o assassinato de mulheres ou o aborto. Se julgamos que ela apresenta esquematicamente assuntos por natureza complexos e que assume, em certos momentos, um tom professoral, parecendo ter muita

certeza quanto ao que é "certo" e o que é "errado", temos que levar em conta que está escrevendo, na maioria das vezes, para uma revista feminina de ampla circulação. A certeza de que seu recado propicia a conscientização de um grande número de mulheres nos faz perdoar, de imediato, seus "pecados" literários. O livro, então, torna-se interessante justamente por ser acessível.

O livro é interessante, também, pela variedade de tons em que os assuntos são discutidos. Assume, por exemplo, um ar extremamente sério quando acusa a sociedade de tolerar e até mesmo propiciar os pequenos e grandes assassinatos contra mulheres. Em outros temas, Marina passa para a confiança ou a ironia. Desce da tribuna e assume o tom de uma amiga conselheira quando ensina o que fazer "se todas vêm te contar seus dramas". Ou, então, comenta com muito humor os problemas do casamento: "Em termos de pasta de dente, por exemplo, é raro, raríssimo, casarem dois espreme-dores por baixo ou dois apertadores do melo (...) Então, todas as manhãs ele se irrita porque encontra o tubo torto, amassado, lambão, ela se irrita porque não vê necessidade de tantos cuidados com a pasta de dentes".

A presença do cotidiano é um dos pontos positivos do livro, assim como a tentativa de abordar temas pouco comuns na literatura feminista, tais como a fisiologia do orgasmo masculino. Por isto tudo, o livro nos prende gostosamente e é uma ótima leitura para as mulheres que gostaríamos de conscientizar suavemente.

Marília de Andrade

Marília de Andrade é psicóloga, bailarina e dirigiu os filmes *É menino ou menina?* e *Balzaquilanas*.

LANÇAMENTOS

Saiu o segundo volume do livro *Mulher brasileira - Bibliografia anotada*, editado pela Brasiliense. A Bibliografia procura responder ao crescente interesse pelo tema e contém informações a respeito do material publicado até 1976 sobre a situação da brasileira no Trabalho, no Direito, na Educação e em Artes e Meios de Comunicação. O livro foi preparado por uma equipe da Fundação Carlos Chagas.

A Editora Hucitec está lançando novo livro no mercado e iniciando com ele uma coleção — *Memória Feminina* — dedicada à mulher. O livro é de autoria de Heleleth I. B. Saffioti, chama-se *Do artesanal ao industrial: a exploração da mulher* e contém uma análise do impacto da industrialização na estrutura do emprego feminino. Heleleth é professora de Sociologia em Araraquara e autora, entre

Porcos com asas (Diário sexopolítico de dois adolescentes), de Marco L. Radice e Lídia Ravera. Editora Brasiliense, série *Cantadas Literárias*, 180 páginas, Cr\$ 400,00.



Quem voa mais?

"Eu sei muito bem que se dissesse para ele que não queria mais transar sexualmente, ele aceitaria numa boa e continuaríamos muito amigos. Mas acho que seria errado pedir isso. Seria fugir do problema, sem resolvê-lo. E no fundo eu gosto do lado sexual da nossa amizade".

Este é o trecho de uma carta que Rocco escreve a um amigo relatando seu relacionamento com Marcelo. Esse relacionamento e outros mais estão no livro *Porcos com Asas* (diário sexopolítico de dois adolescentes), de Marco L. Radice e Lídia Ravera, lançado recentemente pela Brasiliense numa série sugestivamente intitulada *Cantadas Literárias*.

Apesar de falar claramente de todos os órgãos do corpo humano (e do modo como esses órgãos proporcionam prazer), *Porcos com Asas* não chega à pornografia. Pelo contrário, a relação entre as principais personagens, os adolescentes Rocco e Antônia, atinge momentos de rara candura e beleza.

O livro pode ser resumido assim: o ritual da masturbação diária de Rocco, sua transação com Marcelo, seu relacionamento com Antônia, depois nova transação, desta vez com Roberto, quando termina seu caso com Antônia; tudo natural e gratificante.

O que chama atenção, porém, são as experiências de Antônia: nenhuma

dela é natural e gratificante. Sua tentativa de relacionar-se homossexualmente é um desastre: "Foi um pouco como olhar para mim mesma e ela me disse que nós podíamos fazer aquilo que fazemos quando estamos sós. (...) Do que recordo é a sensação dominante, que a gente sente que vai chorar, uma mistura de ternura, de medo e de alívio, quando se chora sem estar verdadeiramente triste (...) Mas não era amor: era culpa. Masturbar-se a dois, duas igualzinhas, sem que ninguém entre em ninguém: é uma falta, mais que isso, é um pecado. Falta + pecado + vergonha..."

Antônia, 14 anos, já teve nove homens na sua vida. Rocco foi o oitavo. Depois dele, há uma relação profundamente humilhante com um homem de 26 anos que praticamente a violenta numa festa.

O rompimento com Rocco, descrito num dos diálogos mais bonitos do livro, ocorre quando Antônia percebe que ele só enxerga nela um buraco: "Se fosse possível, você entupiria todos os buracos que a mãe natureza me deu". Rocco naturalmente se defende, diz que a ama, que ela está sendo injusta, mas concorda que certas vezes exagerou e vai mesmo embora deixando Antônia entre as definições de histérica e feminista amarga.

Aí está: a dependência de Antônia começa cedo. Enquanto a Rocco tudo é possível sem complexos, resta a Antônia quase sempre a sensação de culpa e vergonha.

Em outras palavras, *Porcos com Asas* não foge à filosofia de que ao homem tudo é permitido desde que não chore em público, e à mulher, ainda que com asas, não é dado, de bons olhos, o direito de voar.

Liane dos Santos

Liane dos Santos é integrante do Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro

outros livros, do clássico *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, publicado também nos Estados Unidos.

O Núcleo de Estudos sobre a Mulher (NEM) da PUC-RJ traduziu e publicou o livro *A dona-de-casa — crítica política da economia doméstica*, da espanhola Maria Angeles Durán (ver entrevista no *Mulherio* n° 4). A obra está à venda na sede do NEM: Vila dos Diretores, Casa XIX, PUC, Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, Rio de Janeiro.

Uma mulher em busca de sua identidade: este é o tema da novela *O sexofuro*, da psicanalista e escritora Betty Milan, lançado em dezembro em São Paulo. Segundo a autora, há experiência relatadas no livro em que todas as mulheres se vão reconhecer, como a

relação de ódio entre a mulher e "a outra", que ameaça seu casamento; a descoberta do corpo e do prazer; e o momento em que a personagem "deixa de ser objeto para se tornar cada vez mais sujeito".

Outra psicanalista, Yone Gianetti Fonseca, também lançou em dezembro um livro com temática semelhante: *Mulher*, um livro de poemas editado pela Fundação Catarinense de Cultura. Ela diz que até algum tempo atrás a função cultural do homem e da mulher estava muito definida, "e ultimamente essas funções tão delimitadas começaram a ser questionadas. Assim, a mulher perdeu sua antiga identidade e ainda está em busca de uma nova. Eu percebo que há muita perplexidade."

Amor e opressão, novela de Carmi Gomes, foi lança-

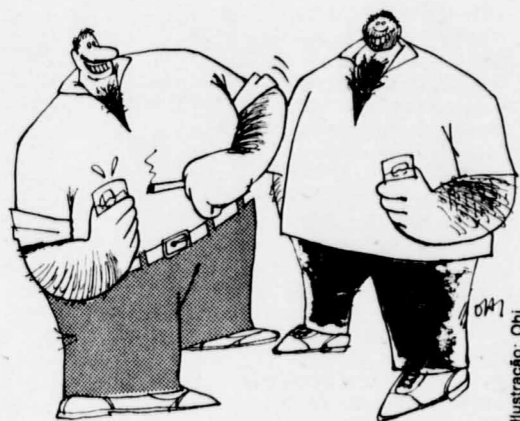
da como primeiro volume da série "Nova Ficção Brasileira" pelas Edições Opção, Centro da Mulher Brasileira, Brasil-Mulher, Grupo Feminista do Rio e Coletivo das Mulheres do Rio. A autora descreve a trajetória de um grupo de mulheres de classe média, marcadas, de um lado, pela repressão política e, de outro, pela frustração com relações afetivas onde o amor acaba sendo sinônimo de opressão.

Vida de Mulher, de Maria Quartim de Moraes e Maria Mendes da Silva, inaugura a Coleção 2 Pontos, da Editora Marco Zero. Trata-se de dois depoimentos sobre a condição da mulher, um de Maria Mendes da Silva, operária metalúrgica em São Bernardo do Campo e ativista sindical; outro de Maria Moraes, socióloga, feminista e autora de vários textos sobre a questão feminina.



Sabe a diferença entre mulher e fósforo? É que mulher você também risca a cabeça, só que não joga o resto fora. Pois mulher é como pão: quanto menos miolo, melhor. E é tão boa que, se você jogar prá cima, não tem a menor importância que caia cara ou coroa...

Essas e outras jóias do humorismo nacional foram divulgadas para milhões de espectadores da Globo no dia

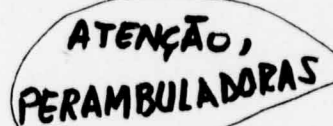


Dulce Figueiredo, Maria da Conceição Tavares, Ivete Vargas, Sandra Cavalcanti, Fernanda Montenegro, Meninha de Gantois, Olga de Alaketo, Maria Moura, Esther de Figueiredo Ferraz e Raquel de Queiroz; eis aí as dez mulheres mais importantes do Brasil, segundo a Gazeta Mercantil, que as incluiu numa relação de 350 homens, digo, nomes "influentes".

Trata-se de uma pesquisa para determinar, "pela primeira vez no Brasil, personalidades influentes, instituições mais poderosas e principais problemas nacionais". A enquete foi distribuída a 20 mil pessoas, entre as quais as integrantes da equipe do Mulherio, que receberam amáveis cartas iniciadas por amabilíssimos "prezado senhor".

Dez mulheres em 350 nomes "influentes" é uma porcentagem ridícula. Só pra que não digam que não falaram de flores...

Ilustração: Ohi



"Todos deveriam entender que 'mulheres' são mulheres da vida e não senhoras de bem." Foi assim que o vereador Nilson Bocarte, da cidadezinha de Ourizona, no norte do Paraná, tentou justificar o esdrúxulo requerimento que o levou às manchetes dos principais jornais do país na última semana de novembro. Com o apoio dos outros nove vereadores do PDS, que estavam com "muito sono" na hora da votação do documento e por isso não se responsabilizam por ele, Bocarte pedia ao delegado de polícia da cidade que prendesse, em nome da moralidade e do decoro, todas as "mulheres que perambulassem" pelas ruas após as 22 horas, ainda que estivessem "perambulando" dentro de um carro.

Se a moda pega, estamos fritas! Mas não pegou: no dia seguinte, centenas de mulheres de todas as idades se reuniram no prédio da Câmara da cidade e, aos gritos, exigiram que os vereadores voltassem atrás.

O requerimento acabou sendo revogado, sim. Pena que não possa ser revogada também a idéia de que mulher é sinônimo de prostituta, triste pérola acrescentada ao nosso longo colar honorário de rainhas disso-ou-daquilo.



Ilustração: Miguel Paiva



Ilustração: Cica

AGITAÇÃO

AS ATIVIDADES DAS BAIANAS

O movimento de mulheres cresceu muito na Bahia no último semestre, diz Zahidé Machado Neto, da Associação de Pesquisa e Estudos da Mulher (APEM-BA). Em novembro e dezembro passados, a APEM realizou um seminário semanal intensivo, denominado "leituras básicas sobre o feminismo", atraindo um número bem maior de mulheres do que o esperado e abrangendo profissionais de áreas bem diversificadas. Agora, a APEM e o grupo Brasil Mulher estão planejando criar um SOS Mulher em Salvador. Segundo Zahidé, "o tão propalado 'paraíso baiano' vem se mostrando cada dia mais um 'éden de violência', em que a mulher é atingida de modo muito especial".

UM PLANTÃO PARA O CORPO

EM SP — "Chega de viver na ignorância de nosso corpo; ela só nos traz medo, dor, vergonha e culpa. Vamos falar de nós mesmas, de nosso corpo, nossa sexualidade, trocar experiências... Enfim, vamos nos encontrar?" O apelo é feito pela Associação das Mulheres Jany Chiriack, de São Paulo, que montou um plantão com informações, discussões, formação de grupos de reflexão sobre a sexualidade e a saúde da mulher. O plantão está funcionando toda segunda-feira, de 16 às 22 horas, e quarta-feira, das 16 às 20 horas. O endereço da associação, aberta de segunda a quinta das 15 às 19 e 30 horas, é: Rua Cardeal Arcoverde, 2109, Pinheiros, fone: 814-5753 CEP. 05407 São Paulo



COLETIVO TEM CARTA DE PRINCÍPIOS

— Depois de muitas reuniões e debates, o Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro aprovou sua carta de princípios, buscando organizar melhor seu funcionamento interno, mas mantendo uma estrutura informal e desburocratizada. A carta diz que o Coletivo pretende "desenvolver, com as mulheres que dele participem, a prática de questionar, refletir e olhar para dentro de si, por uma ótica diferente da usualmente utilizada pelos códigos vigentes, de tal forma que o Coletivo seja onde cada mulher possa expressar suas experiências de opressão na vida privada". E acrescenta: "Nossa idéia é de que devemos agir politicamente em relação aos aspectos privados de nossa vida, deixando de procurar, sozinhas, soluções para nossos problemas individuais." Quem quiser receber uma cópia da carta de princípios, é só escrever para a Caixa Postal 33.114, Rio de Janeiro, CEP. 22.442.

CAMPANHA PELO ABORTO LIVRE

— Mulheres do movimento feminista do Rio de Janeiro estão se reunindo para retomar o debate sobre a descriminalização do aborto no Brasil. Lembrando que no momento está sendo elaborado no Ministério da Justiça um anteprojeto de reforma do Código Penal, elas chamam a atenção para a urgência da mobilização das mulheres pela supressão dos artigos 124 a 127 do Código, que penalizam o aborto. Ao mesmo tempo, apontam a importância da luta pelo reconhecimento do direito das mulheres decidirem livremente quando querem ser mães; pelo estímulo à pesquisa, comercialização e ampla divulgação de métodos seguros de evitar filhos, tanto para mulheres quanto para homens, e pela criação de condições sociais para que todos os que nascem tenham assistência à saúde, educação e creches em horário integral. Quem se interessar pela questão, deve-se comunicar pela Caixa Postal 33.114, CEP 22.442, Rio de Janeiro.

AGENDA

• O Núcleo de Estudos sobre a Mulher (NEM), criado ano passado na PUC-RJ, sob a coordenação de Fanny Tabak, está ampliando suas atividades. Em outubro, lançou um boletim de notícias. Em novembro, organizou, sob o patrocínio da Unesco, um seminário latino-americano de estudos sobre a mulher (ver matéria na pág. 10). Atualmente, estão sendo desenvolvidas as seguintes pesquisas por membros da equipe do NEM: Reflexões sobre restrições sócio-culturais ao pensamento produtivo da mulher, por Tereza Creuza Negreiros, do Departamento de Psicologia da PUC-RJ; A mulher no Congresso Nacional, por Fanny Tabak, de Departamento de Sociologia; Movimentos femininos e partidos políticos, por Sílvia Sanchez e Fanny Tabak, do Departamento de Sociologia e da Unesco; Construção do feminino, por Sieni Campos, do Departamento de Artes; e A mulher no romance brasileiro, por Luís Felipe Ribeiro, do Departamento de Letras. As pesquisadoras Zélia Lóssio (Sociolo-

gia) e Mírian Reis (Serviço Social) estão atuando junto à população feminina da Favela de Acari.

• A Conferência Internacional de Escritoras do Século XX será realizada em Hempstead (E.U.A.) de 4 a 7 de novembro de 1982. Além das formas tradicionais de trabalho (conferências, simpósios, etc.) o encontro prevê também leitura de textos, projeção de filmes e feira de livros. A data limite para envio de trabalhos é 1º de março de 1982. Maiores informações: Natalie Datlof & Alexej Ugrinsky, Conference Coordinators, UCCIS, Hofstra University, Hempstead, NY 11550 - Estados Unidos.

• Mestrado em Filosofia — A Universidade de Sussex (Inglaterra) iniciará um curso de mestrado em Estudos sobre Desenvolvimento a cargo de Kate Young (conhecida feminista inglesa) e Manfred Bieneveld. O curso terá uma duração de 2 anos, tendo por

Tantinho das letras

Walnice Nogueira Galvão

Este poema da espanhola Mariana Abigail de Alatroza (1518-1558), aqui apresentado em adaptação para nossa língua, até parece resposta àquele poema chinês que publicamos no nº 2:

Vão
como o pavão
Imaturo
como o nascituro
Verossímil
como o símio
Cortês
como a torquês
Cálido
como o inválido
Independente
como o dente
Maravilha
como a pacotilha
Constante
como o instante
Fiel
como o ouropel
Fraco
como o carrapato
Delicado
como a tonelada
Confiável
como o improvável
Homem
como um homem.

objetivo promover um conhecimento amplo dos principais problemas e teorias em estudos sobre desenvolvimento relacionando-os a processos políticos específicos. No programa alguns tópicos relacionam a economia política à condição feminina. O prazo para inscrições se encerra a 1º de março de 1982. Maiores informações: Kate Young — The Institute of Development Studies — University of Sussex — Brighton BN1 9RE — Inglaterra.

• A Associação Internacional de Sociologia realizará seu congresso mundial no México em agosto de 1982. Como no congresso anterior, realizado em 1978, na Suécia, haverá vários simpósios sobre a situação da mulher na sociedade. Quem quiser apresentar um trabalho pode fazê-lo até o dia 1º de fevereiro. Antes, porém, deve solicitar um formulário de inscrição à secretaria geral do congresso: ISA Secretariat, C. P. 719, Montreal, One, Canada H3C 2V2.

ESTE CORPO QUE É MEU

O corpo da mulher sempre teve muitos donos, que dizem o que pode e o que não pode, o que "fica bem" e o que é proibido. Mesmo que sejam ordens aparentemente tão contraditórias quanto "esse decote eu não deixo" ou "use esse decote para eu fazer bons negócios".

Vamos nos apropriar de nosso corpo? Vamos aprender a cuidar dele nós mesmas, do jeito que a gente quer? Vamos conhecê-lo?

Neste número de **Mulherio**, é sobre esse assunto que nós falamos, em várias frentes: a beleza, a sexualidade, a saúde.

Denunciamos como o sistema impõe um padrão inatingível de beleza para todas as mulheres, um padrão que nos oprime porque só valemos se estivermos ao menos próximas dele, mas que rende muitos lucros.

Falamos do prazer, numa matéria que desmistifica a afirmação corrente de que a proletária não tem interesse em sexualidade. E mostramos a experiência da "auto-ajuda", feita no exterior e aqui no Brasil, em que um grupo de mulheres se reúne para conhecer coletivamente o próprio corpo, e para aprender a tratá-lo sem precisar de correr atrás de um médico a qualquer problema.



Fotos Nair Benedicto — Ag. F/4